

GUERRAS NARRATIVAS: O NEGACIONISMO CLIMÁTICO E A EMERGÊNCIA DA ECO-COMUNICAÇÃO

NARRATIVE WARS: THE CLIMATE CHANGE DENIAL AND THE EMERGENCE OF ECO-COMMUNICATION

Ana Silvia Andreu da Fonseca*

RESUMO

A partir de uma pesquisa exploratória, são aqui observados os riscos discursivo-narrativos presentes nos meios de comunicação hegemônicos e não hegemônicos ao tratarem notícias ambientais atualmente no Brasil. Se, de um lado, o catastrofismo apocalíptico está à espreita ao se noticiar desastres ambientais, por acirramento das mudanças climáticas e/ou da inoperância de setores responsáveis, por outro se avistam aspectos da banalização, naturalização ou negação dos problemas ecológicos. Através dos conceitos de guerras narrativas e eco-comunicação, e do instrumental da Análise Crítica da Narrativa, este artigo identifica a estabilização dos discursos catastróficos e negacionistas em meios de comunicação no país, expondo suas marcas discursivas mais evidentes. No entanto, os resultados da investigação também apontam para práticas de linguagem que podem ser consideradas decoloniais, pois indicam a emergência de uma terceira via de construção narrativa, por sua vez ligada aos movimentos em prol de futuros possíveis.

Palavras-chave: guerras narrativas; eco-comunicação; negacionismo climático; discurso; análise crítica da narrativa.

ABSTRACT

Based on an exploratory research, we observe here the discursive-narrative risks present in the hegemonic and non-hegemonic media when dealing with current environmental news in Brazil. If, on the one hand, apocalyptic catastrophic bias is lurking when environmental disasters are reported, due to the intensification of climate change and/or the ineffectiveness of responsible sectors, on the other hand, we see aspects of trivialisation, naturalization or denial of ecological problems. Through the concepts of narrative wars and eco-communication, and the instruments of Critical Narrative Analysis, this article identifies the stabilization of catastrophic and denialist media discourses in the country, exposing its most evident discursive marks. However, the investigation results also point to language practices that can be considered decolonial, as they indicate the emergence of a third way of narrative construction, in turn linked to movements to ensure possible futures.

Keywords: narrative wars; eco-communication; climate change denial; discourse; critical analysis of the narrative

INTRODUÇÃO

Mudanças climáticas correspondem a mudanças discursivas, a mudanças narrativas. Mais que isso: a crise ambiental e civilizacional vivenciada em nível planetário é, em si, uma crise narrativa, segundo lideranças de povos indígenas brasileiros que estão na linha de frente de seu enfrentamento (Danowski; Viveiros de Castro, 2014; Krenak, 2019). Guerras narrativas têm se acirrado em contextos globais de informação via internet por agências transnacionais, meios de comunicação, redes sociais e parte da indústria de entretenimento (Chã, 2018; Cook, 2020; Ramirez, 2024; Carvalho, 2024), evidenciando fenômenos como o negacionismo climático. Uma vez que as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e o colapso da biosfera como um todo se impuseram discursivamente como *verdade inconveniente* – para utilizar um termo caro a Isabelle Stengers – em meios de comunicação, redes, produções literárias e audiovisuais, dois riscos principais têm se apresentado: catastrofismo por um lado e banalização e negacionismo por outro (Fonseca, 2024). Se qualquer um desses lados vencer, o mundo todo perde. Pode-se dizer que, no sentido discursivo-narrativo, o mundo inteiro hoje está em guerra. E „tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer“ (Benjamin, 2012 [1940], p. 244).

A partir das noções de guerras narrativas e eco-comunicação, este trabalho observa de modo exploratório como meios brasileiros hegemônicos e também os que se apresentam como não-hegemônicos têm lidado com tais riscos discursivos e semânticos, buscando verificar se, além desses pontos extremos, há espaço para comunicar o bem comum, os vínculos com o território, as possibilidades de futuro. Busca-se igualmente verificar a conexão entre os meios não hegemônicos e as produções ligadas a movimentos sociais, povos originários e organizações de base comunitária, ou seja, examinar como têm se desenvolvido novas construções narrativas fora dessa zona de risco, que

* Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu, Paraná, em colaboração técnica junto à Universidade Federal do ABC, UFABC, São Bernardo do Campo e Santo André, São Paulo, Brasil. ana.flisb@gmail.com <Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6537-3487>>.

sejam conformadas como eco-comunicação. Nesse processo, serão melhor definidos e articulados os conceitos de guerras narrativas e eco-comunicação (Fonseca, 2024), além do aporte da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), o que permite interface com as teorias da Linguagem, da Comunicação e da Ecologia Política.

Na primeira parte do artigo, com ferramentas da Análise Crítica da Narrativa, são apresentados exemplos de materialização linguístico-discursiva dos níveis de poder da narração jornalística, em uma comparação entre os jornais diários Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Valor Econômico, no tocante à cobertura informacional do *novo dia do fogo*, 23 de agosto de 2024. Antes, porém, a questão da narrativa é brevemente colocada.

Na segunda parte, observam-se dois meios não hegemônicos, suas principais características em termos de uso da linguagem ao tratar de notícias sobre meio ambiente, suas construções linguísticas, com escolhas lexicais que possam se configurar como índices interpretativos de sua posição discursiva. Os textos considerados foram veiculados em abril de 2024 em Sumaúma e junho e julho do mesmo ano na Agência Pública.

Em ambas as partes, o objetivo é tanto levantar evidências em meios de comunicação dos riscos discursivo-narrativos de catastrofismo, de um lado, e banalização e negacionismo de outro, quanto observar a configuração de guerras narrativas em relação a problemas ambientais no Brasil, sobretudo no que diz respeito às mudanças climáticas. É possível observar guerras narrativas em relação a esse tema hoje no Brasil e sob quais índices de interpretação? É possível identificar a estabilização dos discursos catastróficos e negacionistas em meios de comunicação atualmente no país? Há perspectivas discursivo-narrativas outras, que configurem a construção de alternativas ao *fim do mundo* e ao negacionismo? A partir da hipótese de que existem tais perspectivas, investigam-se as configurações do que pode ser considerado eco-comunicação – a capacidade de comunicar o incomunicável, o colapso climático e da biodiversidade, sem, no entanto, desvincular-se do território e das lutas sociais em prol de futuros possíveis.

1. AS NARRATIVAS DE GUERRA E AS GUERRAS NARRATIVAS

Narrativas podem se configurar como base ideológica de guerras, como armas de guerra e como resultado de guerra. Ou seja, estão presentes na origem, no processo e nos resultados das guerras. Sabe-se que guerras armadas não são a única configuração possível. As chamadas revoluções coloridas e a guerra não convencional são dois componentes que dão origem à teoria da guerra híbrida, segundo Koribko (2018, p. 11-13), para quem „a guerra indireta é uma das formas mais eficazes de combater um inimigo“, pois permite, dentre outras vantagens, „que um oponente derrote o adversário sem enfrentá-lo diretamente“. Postas em ação a partir de pressupostos geopolíticos, a mecânica central das guerras híbridas conta com dois fatores que particularmente interessam aqui: informação e mídia.¹

Ao analisar a guerra na Ucrânia, Fiori (2023, *italico no original*) coloca como certo que „todos os *critérios* conhecidos e utilizados até hoje para julgar as guerras sempre estiveram comprometidos com os valores, os objetivos e as narrativas das partes envolvidas no conflito“, sobretudo da parte vencedora. Se, no caso das guerras híbridas, fala-se de narrativas como meio, como parte do processo da própria guerra, aqui se destaca seu papel posterior, como resultado: parte vencedora, narrativa dominante.

Guerras narrativas têm constituído a vida diária, nas mais distintas configurações: de meios hegemônicos e não hegemônicos a veiculações individualizadas multiplataformas, que Koribko (2018, p. 131) nomeia como „nova mídia“, em oposição a „mídia tradicional“. Essas guerras narrativas começam a ser percebidas não somente como posicionamento editorial de meios de comunicação, mas como força incentivada pelas principais plataformas digitais que atuam em nível global através da monetização, geralmente por interesses comerciais ou patrocínio de grupos interessados em difusão de *fake news*, desinformação e negacionismo, ligados a ideologias conservadoras de direita ou ultradireita (Lourenço, 2024; Ramirez, 2024).

Em “O narrador”, Benjamin (2012 [1936], p. 213) observou que a própria arte de narrar estava em extinção. “É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a facilidade de intercambiar experiências”. Em momentos de grande terror, como aquele entre duas grandes guerras

1 Um dos mais novos modelos para desestabilização de Estado, as revoluções coloridas têm sido observadas em diversos pontos do globo nas últimas décadas como tentativa de construção de um mundo unipolar, sendo as categorias primárias de sua infraestrutura: ideologia, financiamento, social, treinamento, informação e mídia (Koribko, 2018, p. 113).

em que o autor se encontrava, e, da mesma forma, como o da vida contemporânea, com a iminência de colapsos climático-ambientais cada vez maiores, a experiência comunicativa falha e as narrativas são embaraçosas – hoje em intensidade elevada devido ao excesso de informação produzido pela intermedialidade digital.

O conhecimento a um clique, a sabedoria instantânea. Doce ilusão. A desinformação entrou em cena para nos mostrar que estamos expostos a um sem número de informações falsas, imprecisas, adulteradas, equivocadas, parcialmente corretas ou propositalmente “editadas”. Essa avalanche da “má informação” nos confunde, angustia, deprime, imobiliza (Alves, 2022).

Vive-se cada vez mais em um fogo cruzado de informações e contra-informações. No *novo dia do fogo* do estado de São Paulo, em 23 agosto de 2024, como será visto adiante, duas narrativas entraram em guerra: uma apresentava a suspeita de que os incêndios foram planejados, coordenados, outra afirmava que os incêndios atingiram a proporção observada por força, apenas, de condições climáticas específicas, como baixa umidade relativa do ar, calor e vento. A primeira foi defendida pelo presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Rodrigo Agostinho, respaldado por imagens do satélite GOES da Administração Nacional Norte-Americana da Aeronáutica e do Espaço, a NASA. A segunda, pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (do partido Republicanos). Como será visto à frente, os meios de comunicação oscilaram entre as duas narrativas, ora destacando as suspeitas do presidente do Ibama, ora, mais frequentemente, reproduzindo as afirmações do governador. Para Alves (2022):

Durante uma guerra, uma pandemia e uma crise climática como a que estamos vivendo, informações precisas são uma fonte de segurança emocional, física e digital. Elas são fundamentais para a nossa integridade corporal, a de nossos filhos, das nossas comunidades, para o equilíbrio da nossa saúde mental, para a estabilidade das nossas finanças, instituições, governos e do próprio planeta, e também para a construção das nossas identidades sociais e culturais. Por tudo isso precisamos saber se as informações que estamos acessando são confiáveis.

Mas nem sempre são. Por vezes caracterizam-se como narrativas fantasiosas. Os desastres ambientais de Mariana e Brumadinho, resultados da mineração em Minas Gerais, nos anos de 2015 e 2019, respectivamente, mostraram-se também como desastres narrativos. O rompimento da barragem da Samarco, mineradora cujas acionistas são a Vale e a BHP Billiton, em Mariana, gerou processos além dos que configuram o desastre como crime ambiental ou exigem indenização e recuperação de áreas. As empresas foram condenadas na Justiça Federal ao pagamento de R\$ 56 milhões de danos materiais e morais por *narrativa fantasiosa*, uma vez que a Renova, entidade fundada pelas mineradoras para gerenciar as reparações sociais, ambientais e indenizatórias, apresentou ações configuradas como uma campanha de marketing, não como reparações de fato:

Segundo o juiz Vinícius Cobucci, as peças veiculadas pela entidade tentam romantizar a reparação, são destinadas à autopromoção, relativizam o sofrimento dos atingidos. Ele considerou que houve “verdadeira campanha de desinformação, com o intuito de minimizar o impacto do rompimento da barragem” e avaliou que a “tentativa de controle da narrativa para criar uma campanha orquestrada de desinformação não é apenas imoral, como ilegal” (Rodrigues, 2024).

Veiculada primeiramente pela Agência Brasil, a notícia foi replicada por meios hegemônicos, como Folha de S. Paulo.

Uma guerra narrativa é ao mesmo tempo política e poética, pois envolve relações de poder e a construção de percepções de mundo, com elementos da categoria do sensível e do simbólico. De qualquer modo, todas as guerras são também guerras narrativas (Fonseca, 2024), disputam imaginários e registros na memória. São, simultaneamente, nos termos de Pêcheux (1997), estrutura e acontecimento: processos discursivos, subjetivos, ideológicos materializam-se através da materialidade linguística, no incessante jogo entre intra e interdiscurso.

Essa aproximação engaja concretamente maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido (Pêcheux, 1997, p. 49).

Uma observação: as aqui colocadas *guerras narrativas* não têm similaridade com a noção de *guerras de narrativas* que frequentemente se alinha, na superfície, à ideologia „nem direita, nem esquerda“ e, mais profundamente, à própria direita. Convencionou-se falar no Brasil nas duas últimas décadas em *disputa de narrativas* para se referir, sobretudo, a posicionamentos ideológicos frequentemente polarizados. O termo tem sido usado para se referir tanto a duas versões ou opiniões sobre um mesmo fato ou processo quanto a duas visões diferentes de mundo. Já o termo guerra *de* narrativas serviu a alguns palestrantes e autores de livros para reforçar

discursos contra os governos do Partido dos Trabalhadores de 2014 até as eleições presidenciais de 2018, quando o partido foi derrotado pela primeira e até agora única vez no século. Para distanciar-se do sentido comum de *disputa de narrativas*, da polarização e sobretudo do alinhamento à direita de *guerras de narrativas*, bem como para trabalhar com um espectro semântico mais ampliado das narrativas em jogo, optou-se aqui pelo termo *guerras narrativas*. Rolnik (2019), por exemplo, vai se referir à disputa de narrativas sobre as cidades, a financeirização dos territórios e as políticas públicas urbanas, e Fonseca (2024) sobre as narrativas do fim do mundo tal como é conhecido hoje, ambas em espectro ampliado se comparado à mera polarização política.

2. NARRATIVAS DA ÁGUA E DO FOGO

*No fim de um mundo melancólico
os homens lêem jornais.
Homens indiferentes a comer laranjas
que ardem como o sol.*

João Cabral de Mello Neto, „O fim do mundo“, 1945

Chuvas e inundações inéditas e mal gerenciamento do poder público estadual colocaram parte do Rio Grande do Sul sob a água em maio de 2024. Os meios de comunicação ainda noticiavam os efeitos dessa catástrofe socioambiental quando outros pontos do país começaram a literalmente queimar. Em agosto de 2024 uma espessa camada de fumaça oriunda dos incêndios em dois biomas, a Amazônia e o Pantanal, cobriu todas as regiões do Brasil, com exceção do Nordeste, criando o efeito do sol cor de laranja. O Cerrado foi o próximo bioma a arder. E, entre 22 e 27 de agosto de 2024, mais de 44.600 hectares em áreas agrícolas do estado de São Paulo foram transformados em fuligem. O governo do estado estimou que as perdas superariam R\$1 bilhão. Até 29 de agosto, prefeitos de 118 cidades do país decretaram emergência, sendo 51 somente de São Paulo. Foram 4,4 milhões de pessoas diretamente impactadas pelos incêndios.²

Cinco anos antes, o dia 11 de agosto de 2019 ficou conhecido como *o dia do fogo*, com incêndios devastando partes da Amazônia e tendo como epicentro Novo Progresso, município do Pará reconhecido como conservador, de direita, anti-indígena, anti-preservação da natureza, pró-armas, pró-agropecuária. Aquele era o primeiro ano de um governo federal alinhado às mesmas características representadas por Novo Progresso. Estabelecer relação entre os meses de agosto de 2019 e de 2024 e levantar a hipótese de que se tentava reproduzir, cinco anos depois, um dia do fogo ainda mais amplo e assustador para colocar na conta do atual governo federal fazia algum sentido. A hipótese foi reforçada pelos seguintes fatos: houve um dia e um horário de pico para disseminação dos maiores incêndios no estado de São Paulo, em 23 de agosto; os incêndios ocorreram, em sua ampla maioria, em áreas de agronegócio, com destaque para fazendas de cana de açúcar; e em todas o fogo começou a partir de estradas.

Os incêndios atingiram grandes proporções, chegaram a condomínios de classe alta, causaram adoecimento, morte, desocupação de moradias, bloqueios de rodovias, cancelamento de viagens aéreas, perdas de áreas naturais primárias, secundárias (regeneradas) ou de uso agropecuário, e uma fumaça tóxica cobriu praticamente todo o estado de São Paulo por alguns dias. Até a quinta-feira, 29 de agosto de 2024, conforme noticiado em diversos meios, seis homens haviam sido presos em flagrante no estado por atear fogo em matas e principalmente áreas de domínio agropecuário. Em Goiás, um homem preso pelo mesmo motivo declarou à polícia que recebeu R\$300,00 para iniciar um incêndio em dada área. Segundo ele, as motivações eram políticas, mas não saberia dar mais detalhes.

O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Rodrigo Agostinho, levanta a suspeita de que os incêndios em alguns estados, inclusive São Paulo, foram ações coordenadas e, portanto, criminosas.³ O próprio Ibama e a Polícia Federal iniciaram as investigações. Imagens do satélite GOES/ NOAA/ NASA revelaram anomalia térmica no estado de São Paulo no dia 23 de agosto, com intensificação anormal de focos de fogo e linhas de fumaça a partir das 12h30, horário de baixa umidade relativa

2 Os dados foram divulgados por diversos meios de comunicação, por exemplo, as matérias das páginas A14 e A15 do jornal O Estado de S. Paulo de 27 de agosto de 2024, disponíveis mais à frente.

3 A justificativa do presidente do Ibama para a hipótese de os incêndios serem propositais, e por isso estarem sob investigação, diz respeito ao fato de que todo fogo no Brasil é provocado por ação humana (intencional ou por descuido), e não houve registro de raios nas regiões queimadas no período em análise, além da coincidência de horários. Por isso, segundo ele, “a situação é bastante suspeita. Em algumas regiões, temos o fogo distribuído de maneira uniforme ao longo de estradas. Em alguns lugares, temos o fogo sendo colocado em momentos de difícil controle” (Amaral, 2024a).

do ar (Garrido, 2024). Elas foram divulgadas pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O governador do estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos), fez declarações descartando a suspeita de ações coordenadas, premeditadas.

Os grandes jornais hegemônicos do país aqui consultados – segundo critérios como tiragem, área de abrangência e acesso a versões digitais (Fonseca; Amato, 2017) – apresentaram matérias completas sobre o tema na edição de 27 de agosto, depois de divulgadas as imagens de satélite e a animação em *time lapse* do estado de São Paulo relativas ao dia 23 (disponível em Garrido, 2024). Entre o novo dia do fogo, 23, e o dia das principais edições sobre o tema, 27, vieram à tona tanto a suspeita liderada pelo presidente do Ibama de que se trataria de incêndios criminosos quanto a negativa do governador de São Paulo sobre os incêndios serem criminosos. Também vieram à tona os resultados das queimadas, como número de mortos e desabrigados, prejuízos nas lavouras e nas zonas urbanas, especialmente na região de Ribeirão Preto, informações sobre pessoas detidas, previsão do tempo etc. A seguir, o levantamento do que publicaram sobre o tema os principais jornais.

Destacam-se os elementos verbais e, nas imagens em *screenshot* dos jornais, a seguir, os elementos não verbais que colaboram para a construção de sentidos, segundo Silva e Hashiguti (2013), tais como fotografias, gráficos, corpo da letra e diagramação. Foi utilizada técnica de sombreamento do tipo *benday* nas imagens para destacar as partes consideradas neste trabalho. Foram colocados na legenda das imagens os links correspondentes às matérias aqui utilizadas. Cabe destacar, porém, que nem sempre os meios disponibilizam online exatamente o mesmo texto publicado em edição impressa. Nesses casos foram inseridos links de matérias semelhantes do mesmo meio.

I. O jornal Valor trouxe para a capa do dia 27 uma chamada que considera as duas posições, a do governo do estado, encabeçada pelo governador, e a de órgãos nacionais, como o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), esta última respaldada pelo cientista Carlos Nobre, maior especialista em estudos sobre o clima do país, referenciado internacionalmente por seus estudos sobre a Amazônia. Na capa, Valor apresenta as duas narrativas: a de que os incêndios não são criminosos, por um lado, e a de que provavelmente são criminosos, por outro, porém com uma tendência maior de filiação à narrativa do Ibama, uma vez que contrapôs as palavras do governador com as declarações do cientista Carlos Nobre, uma autoridade no assunto.

Na página A2, o jornal faz uma matéria principal em que novamente o governador declara que não é possível afirmar que sejam criminosos os incêndios, há também aí dados sobre as perdas no estado. Na A2, assim como na capa, o jornal usa conjunções do tipo „embora“ e „apesar de“ para contrapor a narrativa de que não é possível afirmar que sejam incêndios criminosos. Já numa matéria menor na mesma página, exclusiva com o presidente do Ibama, Rodrigo Agostinho declarou que não é possível saber quais as motivações de incêndios dessas proporções, como os que têm ocorrido na Amazônia, no Pantanal e no estado de São Paulo, mas que a causa do fogo é sempre humana, no caso do Brasil. O presidente do Ibama diz que o fogo no estado de São Paulo tem uma particularidade que levanta suspeitas, pela maneira como foi iniciado, pelas condições meteorológicas, pelos locais e pelos horários em que o fogo foi colocado.

Na página A14, o jornal apresenta uma entrevista especial com o cientista Carlos Nobre, que é colocado como uma grande referência internacional em estudos sobre a Amazônia e sobre o clima, e por isso ele tem conhecimento sobre o crime organizado em relação a queimadas criminosas tanto no bioma amazônico quanto em outros. O cientista dá peso à narrativa de que se trata de ações coordenadas para incendiar parte do estado de São Paulo e declara que a Polícia Federal terá de investigar essas queimadas do mesmo modo que investiga as demais ações do crime organizado.

Por fim, na página B8 o jornal traz informações sobre os prejuízos causados sobretudo na parte rural do estado de São Paulo, em caderno dedicado a agronegócios, com informações sobre possíveis alterações no preço do açúcar e do álcool na Bolsa de Valores, commodities largamente produzidas por São Paulo e cuja produção foi diretamente atingida pelos incêndios.

Saúde
Bradesco Seguros avança em parcerias com grupos hospitalares para se consolidar na liderança do setor, diz Gontijo **R2**

Terça-feira, 27 de agosto de 2024
Ano 25 - Número 6074 - R\$ 6,50
www.valor.com.br

Pix dos investimentos
CVM editou normas que regulamentam a portabilidade das aplicações financeiras **C8**

Infraestrutura
Agronegócio alavanca investimentos em terminais portuários, que deverão somar R\$ 76 bi no período 2023/26 **R7**

Valor ECONÔMICO

25 ANOS

Vale anuncia Gustavo Pimenta como novo CEO

De São Paulo

A Vale anunciou ontem a escolha de Gustavo Pimenta, atual vice-presidente executivo de Finanças e Relações com Investidores, como próximo presidente da companhia. O executivo, que substituirá Eduardo Barchiesi, foi escolhido pelo conselho de administração de forma unânime, "ao fim de rigoroso processo de seleção realizado por empresa de gestão independente, em conformidade com o Estatuto Social da Vale, política corporativa, regulamento interno e legislação aplicável". Indicado a empresa em fevereiro, Pimenta tem experiência nos setores financeiro, de energia mineral e com carteira diversificada em mais de 20 anos no Brasil, EUA e Europa. **Página B2**

Receita de empresas abertas cresce, mas dólar e juro alto reduzem lucro

Conjuntura Resultado conjunto de 309 companhias diminuiu em 42,7%, apesar do cenário geral mais favorável, com melhora do faturamento e no operacional

Felipe Laurence
De São Paulo

As empresas brasileiras de capital aberto mostraram bons resultados no 2º trimestre do ano, apesar de um cenário de consumo interno mais lento e maior incerteza com expectativas, influenciadas pela desvalorização do real. O lucro líquido das empresas abertas cresceu 42,7% no período, para R\$ 22,3 bilhões, apesar de as receitas terem avançado 15,5%, para R\$ 52,5 bilhões, em função do lucro operacional crescer 21,6%. Os dados excluem Petrobras e Vale, que por sua parte destacaram o segundo trimestre.

Fernando Ferreira, estrategista-chefe da SP, ressalta que, apesar de o lucro líquido não refletir uma melhoria tão grande, por causa de fatores práticos que afetam as empresas, o lucro líquido é um indicador importante. Ele destaca que, apesar de o lucro líquido não refletir uma melhoria tão grande, por causa de fatores práticos que afetam as empresas, o lucro líquido é um indicador importante. Ele destaca que, apesar de o lucro líquido não refletir uma melhoria tão grande, por causa de fatores práticos que afetam as empresas, o lucro líquido é um indicador importante.

Incêndios em SP causam perdas de ao menos R\$ 1 bi; quatro suspeitos são presos

De São Paulo e Brasília

A onda de incêndios que afetou dezenas de cidades paulistas gerou prejuízos estimados de R\$ 1 bilhão aos produtores rurais, segundo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado. Apenas no setor de cana, as perdas são de aproximadamente R\$ 100 milhões. A Organização das Associações de Produtores de Cana do Brasil considera impactos como queda de produtividade, queima de cana de açúcar, morte das mudas de reflorestamento e danos aos produtores rurais.

Os incêndios não podem ser atribuídos neste momento a uma ação criminosa articulada, disse o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Embora quatro pessoas tenham sido presas por provocar queimadas em diferentes cidades do interior do Estado, as autoridades não apontam relação entre os supostos, segundo o governador. Ainda "é difícil estimar" o valor total dos prejuízos, mas já é possível garantir que os estragos são grandes, afirmou.

Para o cientista Carlos Nobre, especialista em clima reconhecido internacionalmente, os tempos secos que atingem São Paulo e outros Estados não pode ser, por si só, um quadro capaz de propagar grandes quantidades de incêndios. Nobre suspeita de ações criminosas por trás das queimadas. **Páginas A2, A3 e B8**

Em chamas
Eventos de fogo no Estado de São Paulo
Na última semana

Municípios de São Paulo com mais focos de queimada, a partir de 23 de agosto

Município	Focos
1º Atibaia	86
2º Sorocaba	57
3º Cabreúva	56
4º Olímpia	54
5º Piquerobi	44

Fonte: Defesa Civil do Estado de São Paulo

Destaque
Brascel estuda fábrica de R\$ 20 bi
A Brascel, controlada pela Brask e pela Eagle (B3), deve iniciar as obras de construção da fábrica de celulose no município de São Carlos, em Minas Gerais, no fim de 2024. O investimento estimado no projeto é de R\$ 20 bilhões. **R3**

Expansão da Sabesp
O presidente da Companhia Saneamento de São Paulo, Roberto Marinho, disse em entrevista ao Valor que pretende se valer da governança da empresa em outros Estados para impulsionar a expansão da Sabesp no país. **R3**

Designalidade
Em 2023, a Brask reduziu a emissão de gases de efeito estufa em 40%, mas as designações ambientais continuam críticas. O Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) decidiu em 15 de maio não renovar a licença ambiental da Brask para o projeto de construção de uma nova unidade de produção de etanol. **A6**

Indicadores

Indicador	Valor
Índice de Confiança do Consumidor (ICC)	100,0
Índice de Expectativas do Consumidor (IEC)	100,0
Índice de Satisfação do Consumidor (ISC)	100,0
Índice de Qualidade de Vida (IQV)	100,0
Índice de Bem-Estar (IBE)	100,0
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	100,0
Índice de Sustentabilidade (IS)	100,0
Índice de Inovação (I)	100,0
Índice de Igualdade (I)	100,0
Índice de Saúde (I)	100,0
Índice de Educação (I)	100,0
Índice de Meio Ambiente (I)	100,0
Índice de Cultura (I)	100,0
Índice de Segurança (I)	100,0
Índice de Trabalho (I)	100,0
Índice de Família (I)	100,0
Índice de Comunidade (I)	100,0
Índice de País (I)	100,0

'Venture capital' volta a ganhar fôlego no país

Luana Theodoro
De Rio

O Brasil tem crescido significativamente no investimento feito por fundos de "venture capital" (que misturam startups com potencial de crescimento rápido) no segundo trimestre de 2024, atingindo US\$ 8,3 bilhões, segundo a KPMG. Foi o maior valor desde o primeiro trimestre de 2022 e mais que o dobro do registrado no primeiro trimestre deste ano. As empresas do setor financeiro ("fintechs"), de energia alternativa ("cleantechs") e de saúde ("healthtechs") foram as maiores volumes de captação.

No entanto, as startups ainda enfrentam desafios para levantar e manter investimentos por um tempo mais longo, ainda afetadas pela incerteza econômica. Segundo a KPMG, a maioria das startups ainda não conseguiu levantar mais de R\$ 1 milhão em investimentos.

2021 e 2022. A captação de "venture capital" no mundo caiu de US\$ 90 bilhões no primeiro trimestre de 2023 para US\$ 83 bilhões no mesmo período deste ano e, segundo a KPMG, a tendência para um recorde de baixa. "Os fundos têm dificuldade de captar recursos por causa dos juros altos no resto do mundo", diz Carolina da Oliveira, líder de "private enterprise" da consultoria de negócios na América do Sul, PwC. **Página C1**

Membro de órgão eleitoral denuncia falhas na Venezuela

Agências internacionais

Após o Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela considerar válido o resultado divulgado pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) que declarou Nicolás Maduro o vencedor da eleição presidencial, Juan Carlos Delgado Boudier, membro do CNE, denunciou irregularidades no processo eleitoral. Ao denunciar, em entrevista ao "The New York Times", ele mencionou de seu documento, foram as primeiras de um integrante do conselho apontando problemas no pleito. Em outras palavras, a oposição insiste e publica desde 2018, dia em que ele foi eleito, que os resultados indicam a vitória do opositor Edmundo González Urrutia. **Página A12**

Big techs: Cade investiga compra de startups de IA

Guilherme Pimenta e Ivone Santana
De Brasília e São Paulo

A Superintendência-Geral do Cade investiga possíveis procedimentos para a aquisição de startups de inteligência artificial (IA), como a OpenAI, a Microsoft e a Google. A Superintendência-Geral do Cade investiga possíveis procedimentos para a aquisição de startups de inteligência artificial (IA), como a OpenAI, a Microsoft e a Google. A Superintendência-Geral do Cade investiga possíveis procedimentos para a aquisição de startups de inteligência artificial (IA), como a OpenAI, a Microsoft e a Google.

Momento decisivo para a indústria brasileira de gás natural

Antonio Alban **A12**

O mundo nunca precisou tanto do gás natural

Nizan Guasantes **B2**

Imagem 1. screenshot da capa do jornal Valor Econômico de 27 Ago 2024. Matéria em destaque disponível em: <https://valor.globo.com/impresso/noticia/2024/08/27/incendios-em-sp-causam-perdas-de-ao-menos-r-1-bi-quatro-suspeitos-sao-presos.ghtml>

Finalmente, porém, uma área quase abandonada na margem leste de São Paulo, o bairro de Capão Redondo, também com raízes em famílias administrativas, em diferentes momentos, conseguiu construir um perfil econômico, pelo menos no discurso, do transporte coletivo. São ônibus e vans de ônibus, por exemplo, que também chegaram pouco a pouco. Um bom manuseio coletivo, porém, desta vez não é suficiente para garantir que o público não se sinta deslocado. Os transportes individuais, sejam privados, sejam utilizados, em razão da forte estrutura pública de São Paulo, continuam a ser a realidade. Graças ao aumento da cidade de 1,1 milhão de habitantes, a demanda por transporte coletivo cresce. Com alguns investimentos — não muito para ser um município que chegou a ter mais de R\$ 30 bilhões em investimentos em infraestrutura —, aliada a todas as inovações e inteligência humana ou artificial, será possível melhorar bastante

por mais de 20% do transporte na metrópole, enquanto 47% das pessoas não têm acesso ao transporte coletivo.

Cuidado disso, com planejamento, é tarefa dos engenheiros municipais, mas as autoridades que topiquei acima não são os responsáveis.

Em tempos de LULA, veículos inteligentes são uma realidade e os pontos instalados, com mobilidade eletrônica, parecem "barroco".

Se não fosse por longo tempo para mais, talvez os veículos não fossem mais tempo para fazer "deserto".

Em algumas cidades, como em Rio, a inteligência artificial já está sendo usada para reduzir o tempo de viagem e melhorar a segurança.

Paula, a metrópole mais rica do país, tem engajado nessa área.

Hoje normais de trânsito.

Para aumentar a autonomia e a eficiência, as cidades precisam criar pontos de acesso para pontos de trânsito, por exemplo, para pontos de trânsito. Isso só pode ser alcançado com a criação de uma rede.

em São Paulo não é regra. Essas conversações ajudam a desconstruir o mito da "cidade do futuro".

Da mesma forma, não há razão para proibições de conversas à esquerda em largas avenidas com centros comerciais e grandes edifícios comerciais. As facilidades por vezes não são melhores, que em São Paulo são abordadas excepcionalmente.

Sem nenhuma necessidade, São Paulo tem um centro comercial de ruas com uma política, muitas das vezes secundárias em outros e sem trânsito de tudo. Com um duplo, abrigam centros comerciais de sempre com grandes lojas.

Quando autoridades de trânsito percebem que algumas vias alternativas estão sendo usadas, aparecem-se em cruzamentos, proibindo a entrada a mão da rua, não raro por pressão de moradores influentes, que não gostam de

[illegible]

Cacem em qualquer cidade e era disputada entre duas correntes nacionais: a dos militares e a dos civis. Os civis como se aproximava a eleição municipal de 1970, alguns tentaram a ideia de lançar a candidatura do Cacem para vereador.

Ainda na década de 1960, os paulistanos votaram em massa no ditocromismo, que foi "leste" vereador com mais de 100 mil votos. Sorcinelli teve mais votos que o principal partido da época na cidade, o PSP de Adhemar de Barros (1964-1968).

Aquilo foi uma única eleição de desfecho, fruto da decretação do eleitorado da época nas instituições políticas locais. Mas cacem e desfechos não foram e não são solução para o problema de São Paulo.

Pedro Caldeira | jornalista de opinião sobre cultura, economia e assuntos socialmente relevantes
E-mail: pedrocaldeira@vulcan.com.br

ção de hospitais para atender pacientes com problemas respiratórios. Balcão da Defesa Civil da municipalidade de Itapicuru, localizada a 34 mil hectares de área, queimada em 14 regiões. Não havia fogo ativo de incêndios, mas 48 municípios estavam em alerta máximo para a comunidade.

A Polícia Civil acionou o seu serviço de inteligência que atua em Ribeirão Preto na tentativa de auxiliar na investigação sobre os indivíduos que alertaram a região na última semana. Vários também estão sendo analisados com o objetivo de filtrar as acusações. Um dos locais dos trabalhos é chegar aos responsáveis pelo fogo e

seguir crítica

Segundo ele, o órgão cogita pedir reforço de aeronaves para combater focos de incêndio, que

mos quando ela acaba. Estamos com uma massa fria que consegue entrar pelo Sul e deve se esgotar na quarta-feira (28). Na quarta-feira está entrando uma nova onda de calor muito forte no Brasil, que vai ajudar a dissipar a fumaça", declarou o presidente do Ibama ao Valor.

"Ao mesmo tempo que tere-

Age	Number of people
19	42
20	37
21	26
22	41
23	138
24	224
25	66

Segundo o professor Humberto Barbosa, coordenador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélite da Universidade de São Paulo, "os dados coletados por satélites mostram que a explosão de queimadas entre a quinta-feira (22) e o sábado (24) em São Paulo ocorreu fora do pico climático propício para fogo em vegetação no Estado. Nesse dia, foram 2.621 focos de queimadas, 57% mais que a soma das registradas nos anos anteriores de 2022 e 2023".

dade Federal de Alagoas, os dados meteorológicos apontam que o momento mais propício para o fogo ocorreu há cerca de um mês, que reforça a ideia de que houve uma ação humana coordenada para desflagrar os incêndios.

"Os dados de clima e geografia não batem, há uma dimensão fora do padrão. Se fosse fogo natural, teríamos o pico no final de julho, não agora", afirma (Folha) "O Globo" e agências de notícias

Ver Também páginas A24 e B8

"A seca deve perdurar pelos próximos dois meses. Não sabemos quando ela acaba. Estamos com uma massa fria que consegue entrar pelo Sul e deve se esgotar na quarta-feira (28). Na quarta-feira está entrando uma nova onda de calor muito forte no Brasil, que vai ajudar a dissipar a fumaça", declarou o presidente do Ilama ao **Valor**.

"Ao mesmo tempo que tere-

mon uma melhoria na condição da qualidade do ar em algumas cidades, provavelmente em Brasília e São Paulo, também teremos uma maior dificuldade no combate ao fogo. É um cenário difícil, é um cenário bem complicado. Estamos nos reorganizando o tempo todo", acrescentou.

Sobre a origem dos incêndios, Agostinho disse que prefere evitar especulações, mas garantiu que todos tiveram "causa humana".

"Não observamos pelo sistema do Instituto Nacional de Pesquisas

Na avaliação do presidente de Itaboraí, as motivações podem ser distintas a depender da região, incluindo desmatamento, vizinhanças de ex-funcionários ou até mesmo "sufocismo". Ele acrescenta que, no caso de São Paulo, chama a atenção o fato de a maior parte dos incêndios ter ocorrido

Segundo Agostinho, há recréio especialmente sobre o impacto da nova onda de calor no Pantanal a partir desta semana. "A onda de calor vai passar por cima do Pantanal, então estamos com bastante medo. As áreas úmidas vão acabar tendo temperaturas provavelmente superiores a 40 graus", afirma.

[illegible]

A34 | Valor | Terça-feira, 27 de agosto de 2024

Ambiente Referência em estudos sobre clima, Carlos Nobre avalia disparada nos registros de focos de incêndio em SP e sugere atuação do crime organizado

Incêndios podem ser reação do crime à maior fiscalização, diz Nobre

Marcelo de Moura e Souza
De São Paulo

O cientista Carlos Nobre, um especialista em clima reconhecido internacionalmente, estuda há muitos anos a Amazônia e, por força das circunstâncias locais, acabou se tornando também um conhecedor da dinâmica do crime organizado na região.

O crime organizado, diz ele, está por trás de desmatamentos e de fazendas de gado que ali se instalam, numa engrenagem pouco controlada que serve aos propósitos de lavagem de dinheiro ou outros crimes.

Essa vem sendo a crítica ambiental-pedida em Estados da América e no Centro-Oeste. Mas para Nobre, o recorde de destruição de focos de incêndio neste mês no Estado de São Paulo pode ser um sinal perigoso de que o crime organizado decidiu expandir seu mundo de agir nas áreas mais remotas da Amazônia, replicando em São Paulo sua forma de destruir biomassas e de lucrar ilegalmente na cadeia agropecuária.

"Na Amazônia, como funciona o crime organizado? Primeiro, desmata ilegalmente. Depois a floresta desmatada se car por dois meses e bota fogo depois eles mesmos contratam pessoas para plantar gramíneas e depois que a pastagem estiver pronta, eles passam a ter gado e fazem uma pecuária legal", diz o pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Mas com mais ações de órgãos públicos contra desmatamentos, os incêndios talvez tenham se tornado uma tentativa mais rápida e barata dos criminosos de devastarem biomassas para suas atividades ilícitas.

A tese de Nobre é que os incêndios no Pantanal e também em São Paulo desde anos tornam, em parte, essa hipótese.

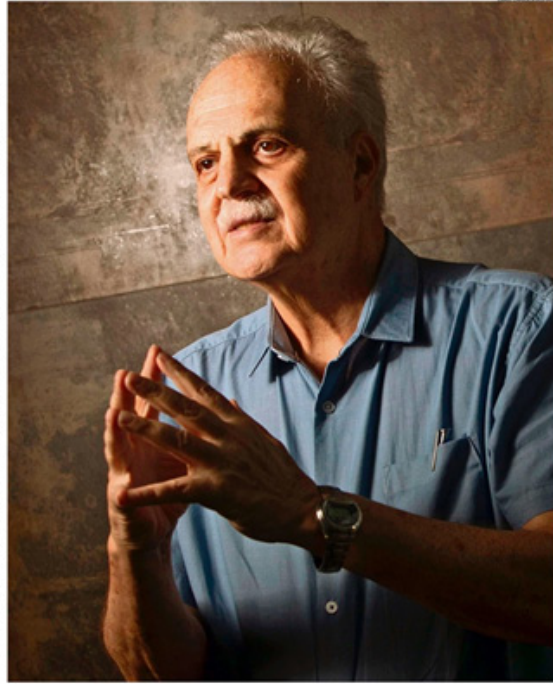
Ele é categórico quando perguntado se o tempo seco que atinge São Paulo e muitos Estados não pode ser, por si só, um quadro capaz de propagar grandes quantidades de focos de incêndio. "Em hipótese nenhuma", diz ele, afirmando que muitos criminosos inevitavelmente estão por trás dessas ações.

Um dos homens por trás da polícia de São Paulo flagrada por material para atear fogo em uma área do interior do Estado que estava a mando do PCC, a maior facção criminosa do país. O governador Tarciso de Freitas disse não ver ações orquestradas.

A seguir, os principais trechos da entrevista que Carlos Nobre concedeu ontem ao Valor:

Valor: No sentido que o senhor tem com o Ministério Público Federal neste segundo furo, os incêndios e as possíveis causas foram um dos temas tratados?

Carlos Nobre: Discutimos mais as mudanças climáticas, a urgência climática, as necessidades de atuação, mas também falamos de Amazônia e dos incêndios. E aí vem a grande dúvida para o Ministério Público, para o sistema judiciário e para o sistema político: a possibilidade de causas criminosas? e o governador de São Paulo disse não ter de somaria que duas pessoas tinham sido presas e que eram criminosos e que um deles podia ter relação com o PCC. Então há a possibilidade de que um grande número desses incêndios tenha sido criminosos. É lógico que nessa época de seca é perigoso ter fogo em todo o Brasil. Indefinidamente, culturalmente, muitos do setor da agricultura e da pecuária não respeitam muito isso. No entanto, dessa vez explodiu o número de focos de incêndio. Nunca teve tanto incêndio no Estado de São Paulo. Depois que a frente fria veio diminuiu muito. Mas até agora há mais incêndios do que há até há pouco tempo. Então, quando começa o fogo, o



"A polícia vai precisar de investigações do nível das que faz para prender traficantes"
Carlos Nobre

vento logo o espalha e começam outros focos. Mas a causa de muitos desses mais de 2.500 focos detectados pelo Inpe parece ter sido uma explosão do crime.

Valor: O senhor se refere ao crime organizado?

Nobre: Minha teoria é essa: é aquela uma hipótese ainda é a seguinte: como desde o ano passado aumentou muito o número de ações do Bama, do SCML, da Polícia Federal, dos Ministérios Públicos das polícias estaduais — com dados do Inpe sobre pontos de desmatamento e incêndios. Houve uma grande redução do desmatamento da Amazônia, redução de 50% no ano passado e redução adicional de 38% nos primeiros seis meses desse ano. Então uma hipótese que eu levo é que o crime organizado, não podendo mais desmatar porque eles seriam pegos, como aconteceu várias vezes no ano passado na Amazônia, eles talvez tenham pensado que a maneira de não serem pegos seria o fogo.

Valor: Por quê?

Nobre: Porque colocar fogo leva minutos. A pessoa vai com gasolina com aparelho um disparador de chama e bota fogo, anda 10, 20 metros e bota fogo de novo.

Valor: Com qual objetivo exatamente?

Nobre: Crime. Antes grande parte do crime fazia o desmatamento para depois plantar gramíneas para pecuária. Agora se ele for fazer o desmatamento, os sistemas satelitais indicam [e monitoram ações policiais]. Além disso, o desmatamento não é feito em minutos, leva semanas. Talvez, ainda nessa hipótese que eu estou levantando, o que me parece que o crime organizado entende é que era facilmente detectado com o desmatamento.

Estão colocando fogo agora, coloca fogo no mês que vem, coloca fogo no ano que vem e em dois ou três anos quicemos tudo.

Valor: A percepção que se tem desses incêndios é que em vários pontos incêndios eram incêndios por propósitos de terra que queriam retirar o mato para depois plantar ou criar gado. Como o crime organizado pensa e entende o tipo de crime ambiental?

Nobre: Na Amazônia, como funciona o crime organizado? Os criminosos primeiro desmatam. Ilegalmente, desmatam a floresta devastada secer por dois meses e bota fogo. Depois eles mesmos contratam pessoas para plantar gramíneas e, quando a pastagem estiver pronta, eles passam a ter gado e fazem uma pecuária legal.

Valor: Para fazer dinheiro?

Nobre: Sim, isso serve para tudo. Eu conheço muito a Amazônia e todo o crime organizado na Amazônia é ligado à mineração ilegal de ouro, ligado ao tráfico de animais, ligado à extração seletiva ilegal de madeira. Indivíduos financiam mineração ilegal, financiam a grana de terra, controlam o mercado ilegal de terras, colocam gado, vendem fazendas de pecuária e pessoas do agronegócio compram essas propriedades e depois passam a fazer pecuária política para que aquelas áreas sejam legalizadas. Como aconteceu desde o novo Código Florestal de 2012. Eles legalizam uma gigantesca área e ouzaram duas vezes legalizam outro áreas. Isso é todo um trabalho do crime organizado. É difícil responder o que eles estão fazendo em São Paulo, mas esse é o mundo que eles vivem.

Valor: E mais difíceis, no entanto, o crime organizado quer

desenvolver na Amazônia e quem vive em São Paulo.

Nobre: No ano passado houve uma redução de 26% do desmatamento da Mata Atlântica no Estado de São Paulo. Como o crime organizado que estava perdendo a guerra com a redução do desmatamento na Amazônia, na Mata Atlântica e até mesmo no Cerrado, explodiu a guerra do Pantanal, na Amazônia. Então, isso tem muito a ver com o recorde de seca com ondas de calor. Mas em junho o Inpe mostrou que só 38 dos incêndios foram de descargas elétricas, então 97% dos incêndios no Pantanal foram humanos. Pessoas colocando fogo.

Valor: Prováveis de ser como o que muitas partes do Brasil vivem já crimes ambientais, por si só, para todos focos de incêndios como os que foram registrados em São Paulo nos últimos dias?

Nobre: Não, em hipótese nenhuma. Os incêndios naturais são por causas climáticas. Os por acidentes, por exemplo, uma queima de lixo. Mas o número de incêndios provocados por humanos que jogam lixo de cigarro pela janela é ridiculamente pequeno. Pode acontecer, mas é desprezível diante desse número de incêndios.

Valor: Como evitar novos episódios como os de São Paulo, com números surpreendentes de focos de incêndio?

Nobre: Vamos ter que criar sistemas de monitoramento muito mais rigorosos. A polícia vai ter que começar a ter investigações do mesmo nível das que faz para prender traficantes de droga. Porque as pessoas que estão por trás desses incêndios são equivalentes às pessoas que estão transportando droga. A polícia vai ter que ter uma eficiência muito maior.

Logística
Crescimento do e-commerce muda setor de transporte aéreo de carga
B4

Imagem 3. screenshot da p. A14 do jornal Valor Econômico de 27 Ago 2024. Matéria disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/08/27/incendios-podem-ser-reacao-do-crime-a-maior-fiscalizacao-diz-nobre.ghtml#>

Na página 13 o jornal destaca que as chamas se espalham com a falta de investimento. Nas duas matérias dessa página ele trata das questões de caminhões pipa e de aviões da Força Aérea Nacional (FAB) usados para combater incêndios, destacando a infraestrutura que precisa ser melhorada ao ouvir especialistas do Corpo dos Bombeiros e agentes do Ibama.

Por fim, na página 14 o Globo traz as prisões de pessoas que atearam fogo (quatro, até aquele momento, sendo três no estado de São Paulo e uma em Goiás). As prisões não indicam que eram ações com conexão entre si. Porém o jornal coloca que há uma suspeita declarada pelo Ministério do Meio Ambiente.



Imagem 5. screenshot da capa do jornal O Globo de 27 Ago 2024.

É preciso ser mais firme na repressão às queimadas

Seca severa favorece disseminação de focos de incêndio, mas a maioria deles tem origem criminosa

perca avaria a baixa umidade do ar foi favorecido a proliferação de focos de insetos que espalharam fumos, o que fez com que todo o país fosse afetado por transtornos que ficaram muito além do problema ambiental. Vários estudos evidenciaram que o aumento da umidade na infraestrutura, com aumento de atendimentos por doenças respiratórias, agravou a situação. O Conselho de Meteorologia (Instituto Nacional de Meteorologia e Insetos) relaciona a ocorrência de doenças respiratórias a uma gripe aguda, não há como uma gota de chuva seque o ar mais de cem dias.

Dados do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) revelam que, no primeiro ano do último dia 24 de agosto, haviam sido detectados quase 105 mil casos de doenças respiratórias, o que representa uma superada antes pela 2010, quando foram registrados perto de 119 mil casos de doenças respiratórias. O INPS também registra o número de inscrições mensais no dia 27 de maio de 2012. Apenas no Estado de São Paulo, foram 452.900 inscrições, o que representa um recorde desde 1998, quando se começou a medição.

Mais não se pode atribuir apenas as doenças respiratórias à seca. A falta de água também pode contribuir para a proliferação de focos de insetos que espalharam fumos, o que fez com que todo o país fosse afetado por transtornos que ficaram muito além do problema ambiental. Vários estudos evidenciaram que o aumento da umidade na infraestrutura, com aumento de atendimentos por doenças respiratórias, agravou a situação. O Conselho de Meteorologia (Instituto Nacional de Meteorologia e Insetos) relaciona a ocorrência de doenças respiratórias a uma gripe aguda, não há como uma gota de chuva seque o ar mais de cem dias.

transformam o Brasil num festival de samba. O príncipe presidente do Ithama, Rodrigo Aragão, afirmou que as queimadas surgidas de forma natural são exceções. "Quase todo o cerrado no Brasil é criminoso", afirmou. "Não temos incêndio espontâneo aqui. O fogo é sempre provocado, costuma um canibalismo que pega fogo ou a queda de um cabo de alta tensão".

Não domingu, quando Brasília amanheceu em fumaça, quase 50 municípios de São Paulo estavam em alerta máximo contra o risco de alagamentos no Planalto. O governador Luiz Inácio Lula da Silva fez uma reunião de emergência com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, para tratar das queimadas. Para descobrir que estado em campo já entrava para desobrigar os municípios, o governador levou mais de 30 casos. Em 2009, a própria Marina criticou a "postura insensível e o alto presidente Jair Bolsonaro" de "tê-lo de medidas do governo" para conter os incêndios que faziam saír o fogo das áreas protegidas. A situação natural ou não, a queimada é um crime.

A verdade é que o Brasil está queimando o tempo. Se o governo falhava então, continua falhando agora. Mes-

mas reconhecendo o problema, tem-de-morado a agir, ou agido de forma tírdia. A crise não-vai se resolver com acusações, enquanto o risco para a cobertura florestal brasileira só faz crescer.

Para deter o aquecimento global, é vital não permitir que sistemas naturais de captura de gases do efeito estufa por florestas e oceanos passem a funcionar ao contrário, emitindo gases. O mundo já corre o risco de que a alta da temperatura até o final do século ultrapasse os 1,5 °C acima dos níveis da era pré-industrial, objetivo traçado no Acordo de Paris. Não há alternativa a não ser reduzir as emissões — e rápido. O descontrole da temperatura planetária nos últimos meses tem desafiado as previsões mais pessimistas.

É certo que, devido às mudanças climáticas, secas e incêndios florestais se tornaram mais frequentes e intensos. Por isso mesmo o governo precisa ser mais firme na repressão às queimadas. É importante ampliar o número de brigadistas e de aeronaves de combate ao fogo. Mas mais importante é impedir que o fogo comece, e nisso o governo tem falhado. Poderia começar investigando e punindo os responsáveis pelos incêndios criminosos.

Se é justamente por ser antissistema que ele tem tido bom desempenho nas pesquisas, seria sábio retirá-lo da contenda?

ma é óbvia para tratar a candidatura de Paes como a letra da lei cancelada, pois ele é um político à margem do sistema eleitoral. Neste caso a realidade real e, se possível, a Eleição (TSE) decidirá, mesmo que se ofereça uma reivindicação justa, pois se trata de muitas dividas com a justiça. Mas, se e por ser antissistema que ele temido bono, não nos persuadimos a ele, seria uma decisão a lei da contenda?

Se não avaliamos com ponderação para ver até a democracia estar preservada por uma TSE. Do ponto de vista prático, seria uma que ele se apegasse do debate democrático a eleição, base do sistema representativo da democracia que escolhemos adotar. Não regem do jogo, por isso se torna tão atraente eleitoral que continua querendo o sistema político tradicional, assim como faz o sistema de regras. Bolsonaro, que deu vida ao Brasil, construiu a sua vitória.

dele o prefeito Ricardo Nunes como representante de seu grupo. Bolsonaro trabalhou com criticidade e com o respeito à liberdade de expressão, apesar da vitória a ele. Tudo caminha muito bem, com o previsto de que Nunes ganharia no segundo turno com facilidade, quando Bolsonaro, assim como Bolsonaro surgiu do nada em 2018 para surpreender a classe política. Os seguidores não entendem por que Bolsonaro e Marçal ou então por que apoia um candidato quando Ricardo Nunes. Houve um ataque do clã Bolsonaro, que destituí de brigar em público com seu antigo aliado, e não será surpresa se os passarem de mais uma vez para o lado de Marçal, uma demonstração difícil para eles, pois há uma situação de força de Marçal, que os submeterá a seus desígnios políticos, retirando do ex-presidente a aura de inatingível.

Bolsonaro, que troca de legenda e

mo troca de camisa, perderia parte do voto, a menos que compresse com Nunes e espetacular. Mesmo Bolsonaro, que já está sistemático que fingia repudiar quando se 2018, sofreria desgaste razoável, se res- um espaço político reduzido, quando, pa- uma eleição nacional, precisa mais que uma estrutura partidária sólida.

do presidente da República, Bolsonaro já não figurava de rebelde sem causa, que aliás, Marçal. Mesmo sem querer aparentar, hoje é parte decisiva do sistema político, o que lhe dá desvantagem em relação ao franco-atirador que tem todas as qualidades de um aventureiro, papel que já foi e hoje não lhe pertence.

há espaço para um tipo como Marçal ar-
re-salvador da pátria, algo está errado na
nética partidária ou, mais profundamente,
na sociedade. A longo prazo, a solução é a edu-
cação da sociedade, mas, de imediato, os par-
tidos trabalhar as candidaturas com mais
superpoder e impeni atual, com uma vitória
improvável de Marçal, mais facilmente
errata, tentemos de tratar das causas desse
que coloca em risco a democracia. A busca
qualquer preço fez com que os partidos
tornem atrás dos que eram populares, co-

política precisa se convencer de que cava a conta ao tratar as questões parlamentares o apequena dos interesses pessoais. Apeitividade parlamentar abre portas a aventuras marcaram sua presença no Congresso.

Escola em tempo integral é caminho para melhorar educação no Brasil

Resultado dos alunos no Ideb equivale a um ano a mais de matemática e a meio ano de português, diz estudo

As escolas de tempo integral têm impacto positivo no desempenho de alunos do ensino médio de redes estaduais, em especial para os mais pobres. Foi essa a conclusão de um estudo dos institutos Sonho Grande e Natura, com base nos últimos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que leva em conta avaliações de português e matemática e índices de aprovação no quinto e no nono ano do ensino fundamental e no terceiro ano do médio.

Estudantes do ensino médio integral — modelo com mais de 420 minutos de aulas diárias, sem contar atividades complementares — obtiveram desempenho melhor que os de escolas regulares. Em matemática, a diferença foi de 6 pontos. É como se os alunos das escolas integrais tivessem cursado um ano a mais de aprendizado. "Se considerarmos que o ensino médio é composto

por três anos de estudo, um ano a mais de aprendizagem é relevante", diz Ana Paula Pereira, diretora executiva do Instituto Sonho Grande. Em língua portuguesa, a diferença foi de 4 pontos, o equivalente a mais de meio ano de

Outra constatação relevante: entre as cem escolas que atendem o público de menor nível socioeconômico e obtiveram melhores resultados no Ideb, 78 ofereciam ensino integral. Isso significa que as escolas integrais podem ser um meio eficaz de estender a qualidade do ensino aos mais pobres.

A expansão, porém, exige cuidados. Não se trata de apenas estender a carga horária. É preciso renovação do modelo pedagógico, é preciso um modelo centrado na vida do estudante, para que o aluno seja protagonista, se envolva nas decisões do ensino e possa entender suas fortalezas e como a escola se conecta aos caminhos que pode seguir. Não são

coisas simples de executar, e é preciso também fazer com que os professores enxerguem a escola de forma diferente", diz Ana Paula, do Sonho Grande.

Em 2013, apenas 33% das escolas estaduais ofereciam ensino médio em tempo integral, e elas atendiam apenas 18% dos alunos matriculados (quatro anos antes, eram 10%). Num país tão populoso e diverso, a heterogeneidade é enorme. No Piauí, 85% das escolas estaduais já ofereciam ensino médio integral. Em Ceará e Pernambuco, 70%. Em Santa Catarina, menos de 1%. No Rio Grande do Sul, 10%, mesma porcentagem de Acre.

Para acelerar a mudança da realidade, é preciso identificar as experiências bem-sucedidas ao expandir o ensino integral, analisá-las e reproduzi-las, dando prioridade às escolas frequentadas pelos mais pobres. Assim será possível melhorar a qualidade da educação brasileira.

[illegible]

11

CÍRCULO DE FOGO

Chamas se espalham com falta de investimentos

Insuficiência de brigadas, de equipamentos e de aviões dificulta conter focos de incêndio que surgem durante a seca extrema, segundo especialistas em combater o problema; ações podem ocorrer em locais de difícil acesso

LUCA NITING EDUARDO
GONÇALVES E POLIANA ARANTES
Investigação de
O GLOBO

A escassez de chuva e a seca extrema são causas primárias para a propagação de incêndios no Brasil. Mas a falta de brigadas, de equipamentos e de aviões agravam as condições de controle do fogo, segundo especialistas e agentes do Ibama. Eles recomendam mais investimento em ações preventivas, além de maior participação dos proprietários rurais no enfrentamento do problema.

Coronel da reserva do Corpo de Bombeiros do Mato Grosso, especialista em prevenção e controle de incêndios florestais pela Universidade Federal do Paraná Paulo Barroso diz que uma resposta rápida é o segredo para o devido controle do fogo.

— Todo incêndio começa pequeno — lembra Barroso. — Toda propriedade rural tem que ter sua brigada, tem que seja pequena. É preciso estar integrada a uma grande rede de proteção florestal junto aos governos municipais e estaduais. Os proprietários rurais têm que assumir o papel deles.

O especialista destaca que as mudanças climáticas, aliadas ao último El Niño, impuseram mais um ano de seca grave em grande parte do país, especialmente no Centro-Oeste e no Norte. No Pantanal, onde Barroso atua, a degradação de nascentes, que se originam no Cerrado, tornou o bioma mais seco ao longo do tempo, o que facilita a propagação do fogo.

Esse contexto exige mais ações de prevenção, frisa Barroso. O planejamento deve atender às fases de prevenção, preparação, resposta aos incêndios e responsabilização das pessoas que atacam o fogo, com sanções.

— O que os governos e combatentes estão fazendo agora é reduzir o impacto — diferencia Barroso, que acrescenta o problema do incêndio subterrâneo no Pantanal, que queima o solo sem



Contenção que não basta. Bombeiros combatem fogo em São Carlos (SP); especialistas recomendam que proprietários rurais se envolvam na prevenção



Batias de guerra. Paulo Henrique Pereira Souza e Uellinton Lopes dos Santos monitoram tentando deter incêndios em MT



Q "O que os governos e combatentes fazem é reduzir o impacto"

Paulo Barroso, especialista em combate a incêndios

Q "Com ocorrências em vários locais ao mesmo tempo, é difícil a resposta"

Fernando Rodovalho, especialista em manejo do fogo

lho diz que o governo tem investido em capacitação e infraestrutura das equipes de resposta, de plataformas de monitoramento e linhas de pesquisa. Mas quando os focos de queimada se alastram, a resposta é difícil.

— O Brasil tem dimensões continentais, e quando há ocorrências em vários locais ao mesmo tempo, é muito difícil dar a resposta eficiente. Normalmente, são de difícil acesso, e é preciso mobilizar dezenas ou até centenas de

pessoas, pensar em estrutura de acampamento, de alimentação. Precisa de aviões. Tudo isso tem custo na casa dos milhões de reais. Ainda tem as dificuldades que as pessoas encaram, respirando fumaça diariamente, caminhando horas até chegar a uma linha de fogo sem pessoal suficiente para revezamento e sem saber quando vão voltar para casa — enumera.

O especialista destaca que o fogo amplamente e tradicionalmente utilizado na

agricultura para limpeza do solo, controle de pragas, manejo de pastagens. Mas em momentos de seca extrema o fogo prescrito precisa ser muito bem acompanhado, mesmo que autorizado pelo órgão ambiental local. No Pantanal, o governo do Mato Grosso do Sul proíbe ainda em abril as queimadas prescritas por 180 dias, devido à estiagem.

Para melhorar a padronização dessas ações, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

sancionou no fim de julho, em Corumbá (MS), uma das cidades mais afetadas pelas queimadas, a lei que estabelece a Política Nacional do Manejo Integrado do Fogo. A lei representa um grande avanço, para Rodovalho.

— Incentiva a integração de conhecimentos técnicos e tradicionais. Da responsabilidade a proprietários rurais e sanções. Da diretoria ao manejo do fogo e responsabilidades a proprietários rurais e sanções. No Brasil, é muito raro ter fogo de raio, de origem natural. A política dá um passo importante na prevenção — elogia.

Agentes do Ibama ouvidos pelo GLOBO, que pediram para não se identificar consideraram que é utópico imaginar que o poder público seja capaz de controlar todos os focos de queimada em um país como o Brasil, devido à extensão territorial e à dificuldade de acessar várias florestas. Foi isso, recomendam maior cobrança de responsabilidade dos proprietários rurais.

MORTES EM COMBATE

O trabalho de conter as chamas envolve risco de vida. Em menos de uma semana, dois brigadistas morreram no Mato Grosso.

Na Terra Indígena Capoto-Jarína, no Parque Nacional do Xingú, a 692 km de Cuiabá. O corpo de Uellinton Lopes dos Santos, de 39 anos, do Ibama, foi encontrado carbonizado na manhã de ontem. Uellinton havia desaparecido na manhã de domingo, quando combatia um incêndio na região.

O Quatrocentos do Mato Grosso foi na quinta-feira, na zona rural de Itiquira, a 359 km de Cuiabá. Paulo Henrique Pereira Souza, funcionário de uma fazenda, morreu enquanto ajudava a combater um incêndio de grandes proporções que atingiu uma área de canavieira próxima à BR-163. Souza estava em um caminhão-pipa com outro funcionário, que conseguiu escapar das chamas. Ao tentar fugir, Souza foi atingido pelo fogo e morreu.

* Especial para O GLOBO

Com fumaça mais fraca, avião da FAB começa combate ao fogo

Equipamento especial permite lançar 12 mil litros de água sobre as chamas

FILIPPE VIDON
Investigação de
O GLOBO

O avião KC-390 Millennium da Força Aérea Brasileira (FAB) fez ontem sua primeira missão de combate ao fogo no interior de São Paulo, em Franca. O reforço aéreo demorou um dia a mais que o previsto por causa do problema para o qual ele foi enviado ao estado: as queimadas produziram um excesso de fumaça que impediram que levantasse voo no domingo e lançasse 12 mil litros de água sobre as chamas.

— Estamos com toda nos-

sa estrutura ajudando. A fumaça é muito forte e impede você ver de cima o ponto do incêndio. Ontem ninguém enxergava nada — disse o ministro da Defesa, José Milton Monteiro, em entrevista ao GLOBO.

HELICÓPTERO AUXILIAR

O KC-390 da FAB já foi usado anteriormente para debelar focos de fogo no Pantanal. Em São Paulo, o avião ficará sediado em Ribeirão Preto e terá à sua disposição um helicóptero EH-120B dos militares. O helicóptero "identifica os focos de incêndio e transmite

coordenadas precisas para o KC-390, permitindo que a aeronave vá diretamente aos pontos mais críticos para realizar o combate de forma mais eficiente", detalhou a FAB em comunicado.

O equipamento especial instalado no avião para apagar incêndios é formado por um tubo que projeta água pela porta traseira esquerda, com ou sem retardante de fogo (substância química utilizada para retardar os, se possível, eliminar a propagação das chamas). O sistema necessita apenas de energia elétrica do avião para funcionar. O reservatório



Na pista. O KC-390 da FAB no aeroporto de Ribeirão Preto: à espera de melhores condições para sobreviver incêndios

em solo, usado para o reabastecimento de água na aeronave, tem capacidade para 22 mil litros de água.

Toda a operação do KC-390 é considerada complexa, já que requer um voo a baixa altitude, baixa velocidade e em elevadas temperaturas. Para não com-

prometer a performance e garantir a segurança, a FAB mantém a aeronave pressurizada, e despeja a água através do sistema acoplado.

Recentemente, o KC-390 Millennium foi usado no apoio à catástrofe das chuvas no Rio Grande do Sul, para envio de doações e

equipamentos, como bombas de drenagem. Em fevereiro, participou de uma força-tarefa de ajuda contra queimadas florestais na Colômbia, mas apenas levando um equipamento para ser acoplado a uma aeronave colombiana. (Colômbia: Rafael Garcia, de São Paulo)

CÍRCULO DE FOGO

Prisões por atear incêndios indicam ações sem conexão

Entre os detidos, está usuário de drogas e homem que disse ter sido pago para prejudicar 'desafeto político' em Goiás

ALINE ROBERTO, EDUARDO GONÇALVES, PAULO KENEDY E RAFAELA GAMA
Ilustração: GONÇALVES E GAMA

Quatro prisões feitas até ontem de pessoas suspeitas de provocar incêndios em São Paulo e em Goiás não indicam haver uma ação coordenada, suspeita que foi levantada no fim de semana pela ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Embora as causas dos criminosos ainda não estejam claras, já se sabe que pelo menos um dos presos tem problemas psiquiátricos. Uma quinta pessoa foi detida, por ter atado fogo em lixo residencial, mas foi liberada, por não ter sido constatada intenção criminosa. O incêndio com problemas psiquiátricos é Alessandro Arantes, de 42 anos, preso em Batatais, na região

de Franca, no domingo. Arantes disse aos policiais ser integrante do Primeiro Comando da Capital (PCC), o que foi descartado pelo promotor Lincoln Gakiya, que tem experiência em investigar a facção. No entanto, Arantes é usuário de drogas, morava na rua e foi preso por outros crimes, como roubo, furto, homicídio e posse de droga. Arantes gravou crime no celular e permitiu que os policiais tivessem acesso ao conteúdo. Também em Batatais, foi preso ontem em flagrante um homem de 27 anos suspeito de atear fogo em um posto. Ele estava com serras, alicate, isqueiro e uma caixa de fósforos. O incêndio chegou a atingir a cerca e o quintal de uma residência. As chamas foram controladas e ninguém ficou ferido. Na quinta-feira, Daniel Rodrigues



Amear a motoristas. Incêndio em rodovia próxima de Itaiti, no interior de São Paulo, desde quinta-feira, três pessoas foram presas, duas delas em Batatais



Nome	Idade	Endereço	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação
LÍCIA CIVIL	28 anos	1,300 km	Em situação

ria recebido R\$ 300 para atear fogo em propriedades rurais, de um desafio político de quem o contratou. No entanto, não deu mais detalhes. crime é muito difícil. O fogo se alastra e sai de uma propriedade para outra. Não dá pra gente sair atirando isqueiro a torto e direito porque a chance desse negociador um resultado é muito baixa. Pelo menos duas fazendeiros no Pantanal entraram na mira do Ministério Público do Mato Grosso do Sul — eles são donos de áreas onde se iniciaram os focos de incêndio, em julho. A PF apurou que um dos focos de incêndio no bioma foi causado por uma rixa de vizinhos. Outros casos não tiveram causas intencionais. Um deles teria ocorrido por causa de um erro na criação de abelhas: o manejo do inseto envolve o uso de fumaça, e o fogo teria se alastrado sem controle.

A logística do agro de ponta a ponta

Amanhã
8h às 12h30
BRASÍLIA

ACESSE AQUI E INSCREVA-SE

Viagem do norte ao sul do país e agora vamos nos encontrar para discutir os pontos principais da logística nacional. Embarque neste debate e entenda melhor sobre as condições e o futuro da infraestrutura para a produção agropecuária brasileira. Não perca.

ÚLTIMAS VAGAS

PAINEL 1: DO CAMPO AO PORTO, OS NOVOS CAMINHOS DA SAFRA
Moderação: Raphael Salomão, editor-assistente Globo Rural e Valor Econômico

Thiago Pera Coordenador da EsalqLog/USP	Elisângela Pereira Lopes Assessora Técnica da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)	Rafael Vitale Rodrigues Diretor-geral da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT)	Anderson Pomini Presidente da Autoridade Portuária de Santos
---	--	--	--

PAINEL 2: INOVAÇÕES E SUSTENTABILIDADE NA LOGÍSTICA
Moderação: Fernanda Pressinott, editora-assistente Valor Econômico e Globo Rural

Leonardo Belotti Diretor comercial corporativo São Paulo da TIM	Cléverton Vieira Presidente da SCPAr Porto de São Francisco do Sul (SC)	Paulo Caleffi Diretor de Transportes Bertolini	Ricardo Tomczyk Diretor de relações institucionais da Amaggi
---	---	--	--

Imagem 8. screenshot da p. 14 do jornal O Globo de 27 Ago 2024. Matéria semelhante em destaque disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/08/27/incendios-em-sp-saiba-quem-sao-os-suspeitos-presos.ghtml>

III. O Estado de S. Paulo, por sua vez, dá ênfase para o governador de São Paulo. Na capa só existe uma foto em destaque com chamada para as matérias, não existe nenhum texto na capa, apenas uma legenda da foto com opinião do governador — não sobre a guerra narrativa que se coloca e sim sobre o R\$1 bilhão estimado como perda em função dos incêndios no estado.

O jornal destacou apenas a posição do governador sobre a guerra narrativa aqui em análise no subtítulo de uma matéria da página A16. Num primeiro momento, a impressão é que o Estadão ignora ou ao menos não participa dessa guerra narrativa, impressão que cai por terra pois o jornal coloca ao final dessa matéria principal da página A16 a discussão sobre as causas criminosas dos incêndios. O jornal chama nomes de autoridade para essa discussão — Marcelo Seluchi, coordenador de operações do Centro de Monitoramento e Alerta de Desastres

Naturais (Cemaden), e Paulo Artaxo, do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU – porém, eles dão mais provas à narrativa de que os incêndios foram provavelmente criminosos, e acabam ficando no último parágrafo da última coluna, bem ao final da matéria que cobre mais da metade da página. O governador dominou praticamente todas as colunas dessa matéria.

Esses índices demonstram que o jornal colocou o conflito em segundo plano, já que algo sobre ele não foi apresentado na capa, nem nas duas matérias da página A15 ou em algum dos títulos de textos que trataram dos incêndios no interior do jornal. Ao surgir no subtítulo da matéria em A16, dá indícios de filiação à posição discursiva do governador: „Tarcísio destaca perda de mais de 20 mil ha; Ibama e governo estadual divergem em relação a ações coordenadas“. A mesma tendência domina essa matéria inteira. Na mesma página, uma segunda matéria sobre o tema enfatiza exclusivamente os riscos à saúde do material particulado, que também causa o efeito de Sol laranja, além do dióxido de enxofre e do carbono.

Com relação à página A15, na primeira matéria, que domina mais da metade da página, o foco recai nas condições climáticas que irão persistir por dois meses, segundo previsões. Há nela uma tentativa de ataque ao governo federal, mas sem que nenhum personagem assumisse tal narrativa:

Na Floresta Amazônica e no Pantanal, o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem sido alvo de críticas pelas falhas no combate às queimadas, que bateram recordes nos dois biomas. „Como a Cordilheira dos Andes é muito alta, essas correntes não se dispersam. Elas passam por Peru, Bolívia, e depois, dependendo da situação meteorológica, vão diretamente para Sul ou Sudeste. No verão, elas carregam umidade“, afirma Seluchi [do Cemaden]. „Mas nesta época do ano em que não chove, é como um rio seco, um jato de fumaça no Sudeste (...)“.

Na sequência da declaração de Seluchi, vem a declaração também sobre os rios voadores e o caminho que eles seguem do climatologista José Marengo, coordenador de pesquisa e desenvolvimento do Cemaden. Ou seja, não há nada no texto que dê credibilidade factual à proposição do texto sobre críticas ao governo. A narrativa está solta, ou melhor, não há uma narrativa para dar suporte à afirmação. Há uma grave falha no que Motta (2023) coloca como valor-narrativa, a ser visto mais à frente: a moldura cognitiva que organiza e dá sentido à estória que se conta jornalisticamente. Na segunda matéria da A15 o foco é somente nos efeitos nocivos da fumaça à saúde.

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1871
JULIO MENQUETA (1883-1947)

Terça-feira 27 de AGOSTO de 2024 • R\$ 7,00 • An. 145 • Nº 47798
estadio.com.br



Os estragos do fogo

Destruição causada pelos incêndios no interior de SP gerou prejuízo superior a R\$ 1 bi no setor agropecuário, segundo o governador Tarciso de Freitas. Em Dumont, na região de Ribeirão Preto, carros em um pátio da polícia civil foram queimados no sábado. ...A15 e A18

E&N Programa social ...B1 e B2

Governo ignora aperto fiscal e quer multiplicar Auxílio Gás por quatro

Desembolso deve saltar dos atuais R\$ 3,4 bi para R\$ 13,6 bi em 2026; fundo do pré-sal cobriria gasto

O governo propôs quadruplicar o gasto com o Auxílio Gás, programa que se chamará Gás para Todos. O desembolso deve saltar dos atuais R\$ 3,4 bilhões para cerca de R\$ 13,6 bilhões em 2026 — ano de eleição presidencial. Segundo o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, o aumento de gastos será coberto com re-

Petrobras ganha R\$ 42 bi de valor; B3 tem recorde

Empresa foi reclassificada pelo Morgan Stanley. Tensão no Oriente Médio elevou preço do petróleo. ...B4

mento de 2025 e em meio a promessas de revisão de gastos. Segundo especialistas, ampliação do programa pode criar uma despesa obrigatória e ferir a lei fiscal. Pelas projeções do governo, as atuais 5,6 milhões de famílias de baixa renda atendidas saltarão para 10,8 milhões. O valor do benefício é de R\$ 102,4, pago bimestralmente. O projeto de lei será analisado pelo Congresso.

E&N Setor elétrico ...B1

Em guerra com o ministro de Minas e Energia, Aneel diz que é autônoma

Alexandre Silveira afirmou que o órgão regulador pode responder ao TCU sobre os atrasos na regulamentação de temas do setor elétrico.

"Pouca atenção tem sido dada para valorizar a agência e seus servidores"
Sandoval Feitosa, da Aneel

E&N Mineradora ...B4

Vale escolhe diretor financeiro como CEO e informa que decisão foi unânime

Conselho de administração optou por Gustavo Pinheiro, após meses de indefinição e tentativa de interferência do governo.

Venezuela ...A12

Autoridade eleitoral diz não ter visto provas de que Maduro venceu

Juan Carlos Delpino, funcionário do conselho eleitoral, órgão que organiza eleição, expressou dúvidas sobre lisura do processo em entrevista ao *The New York Times*.

Notas e informações ...A3

Onde está o líder da 'frente pela democracia'?

A guerra de Putin ...A14

Em ataque contra a Ucrânia, Rússia lança mais de 200 drones e mísseis

Forças ucranianas informaram ter abatido 201 dos 236 mísseis e drones que tinham como alvo infraestrutura de energia.



Streaming ...C1 e C2

Série 'Cidade de Deus' vê a favela além do conflito

Eleição nos EUA ...A13

Trump ameaça não ir ao primeiro debate com Kamala

E&N Trabalho ...B14 e B15

Geração Z leva empresas a mudar forma de contratação

Eleições 2024 ...A8

Adversários associam o PRTB, partido de Marçal, ao crime organizado

Suspeitos de atos entre dirigente e articuladores do PRTB com o PCC viram munição contra Pablo Marçal.

Notas e informações ...A3
Reforma tributária aciana

Coluna do Estádio ...A2
Rara união entre Lira e Pacheco sobre emendas

Carlos Andreazza ...A5
Bolsonaro contra Bolsonaro

Eliane Cantanhêde ...A10
Relações em chamas

Edição de hoje
3 CADERNOS - 48 páginas

Cadernos A, Opinião, Política, Internacional, Meio Ambiente, Esportes, Para Você...
E&N Destacar Economia & Negócios

C2 Cultura & Esportes
A Tudo

Tempo em SP
8° Min. 12° Max.
ISSN 1914-2614

Imagem 9. screenshot da capa do jornal O Estado de S. Paulo de 27 Ago 2024.

TERÇA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2024
O ESTADO DE S. PAULO

METRÓPOLE



A15

Ambiente

Cenário que favorece queimadas tende a se manter até outubro

— Baixa umidade, calor excessivo e ventos acima de 30 km por hora propiciam alastramento de focos



KC-390 Millennium da FAB tem a capacidade para lançar até 12 mil litros de água contra as chamas

ROBERTA JANSEN
GIVANNA CASTRO

Após o número recorde de focos de incêndio no fim da semana passada, São Paulo não tinha registro de queimadas contínuas em situação de alerta. Segundo especialistas em clima, as condições climáticas para a propagação do fogo devem voltar até sexta-feira. Entre os fatores, estão a baixa umidade, o calor excessivo e ventos acima de 30 km/h. Até a chegada da pri-

mavera e o começo do período de chuvas, entre o fim de setembro e começo de outubro, é possível a repetição de episódios similares de fumaça e fuligem mesmo em cidades e Estados que não enfrentam queimadas.

Dadas as condições climáticas favoráveis, o fogo se espalhou rapidamente na sexta-feira passada. "Temos uma ferramenta para informar à Defesa Civil, que leva em conta temperatura, umidade, seca e vento", diz o coordenador de operações do Centro de Monitoramento e Alerta de Desastres

Naturais (Cemaden), Marcelo Seluchi. "São muitos dias consecutivos de seca, sem chuva. Por isso, esta época do ano é particularmente crítica, com temperatura acima de 30°C, umidade abaixo dos 30% e ventos acima de 30 km/h", afirma.

Conforme Guilherme Borges, meteorologista do Clima-tempo, a frente fria que passou pelo centro-sul do País no último fim de semana ajudou a carregar a fumaça por muitos quilômetros. "O ar das queimadas é quente e, por isso, mais leve. Já o ar da frente fria é mais den-

so, pesado. A frente fria ajuda a compactar a fumaça, a impedindo de se dissipar e a arrastando para outros Estados", explica ele. "Se houver novas frentes frias até o fim da temporada seca, é bem provável acontecer de novo", diz.

'RIOS VOADORES'. Os chamados "rios voadores" — canais de ventos intensos que transportam a umidade da Amazônia para o Sul e o Sudeste — também têm funcionado como espécies de rios secos, transportando fumaça das queimadas no Norte — e agravando a crise que já existia em vários pontos do Sudeste.

Na Floresta Amazônica e no Pantanal, o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem sido alvo de críticas pelas falhas no combate às queimadas, que bateram recordes nos dois biomas. "Como a Cordilheira dos Andes é muito alta, essas correntes não se dispersam. Elas passam por Peru, Bolívia, e depois, dependendo da situação meteorológica, vão diretamente para Sul ou Sudeste. No verão, elas carregam umidade", afirma Seluchi. "Mas, nesta época do ano, em que não cho-

ve, é como um rio seco, um jato de fumaça no Sudeste, situação ampliada pelos incêndios no interior do próprio Estado de São Paulo."

"Chamamos de rio voador porque é um volume de água evaporada realmente muito grande. Acontece principalmente no verão, traz chuva para o Sul e o Sudeste. Agora, como estamos no tempo seco e com quantidade grande de queimadas, essas correntes de vento trazem fumaça", diz o climatologista José Marengo, coordenador de Pesquisa e De-

seenvolvimento do Cemaden. Na semana passada, por exemplo, a Defesa Civil do Estado de Santa Catarina afirmou ter identificado no Estado partículas das queimadas da região do Pantanal.

FAB. O combate aos incêndios em São Paulo mobilizou até o maior avião da Força Aérea Brasileira, o KC-390 Millennium, que tem capacidade para lançar 12 mil litros de água contra as chamas. Essa aeronave é equipada com um dispositivo chamado Sistema Modular Acrotransportável de Combate a Incêndios (MAFIS, do inglês Modular Airborne Fire Fighting System).

Essa máquina funciona como uma espécie de tanque que é abastecido com a água usada para apagar o fogo nos lançamentos. A capacidade de armazenamento no MAFIS é de 12 mil litros. Além disso, foram usadas também outras aeronaves, como helicópteros do Exército e da Marinha.

CORREDOR DE FUMAÇA. As regiões mais propícias a receber correntes de vento com fuligem dos incêndios da Amazônia e do Pantanal, conforme o meteorologista do Clima-tempo, é a porção sul de Goiás, todo o Centro-Oeste e o Sul do País e o oeste do Estado de São Paulo e de Minas. Antecorrendo e ontem, o Distrito Federal amanheceu coberto por fumaça proveniente de queimadas de outras regiões. O mesmo fenômeno foi registrado em Goiânia e Belo Horizonte.

A possível piora na qualidade do ar é um alerta para cuidados com a saúde (mais informações nesta página). Problemas respiratórios, desidratação e ressecamento são os principais riscos. Especialistas recomendam beber mais água, manter-se na sombra e em locais arizados e usar soro fisiológico, colírios lubrificantes e hidratantes para conter o ressecamento de pele, olhos e narinas. ● COLABOROU GABRIEL POISSANT

Dispersão pelo País
'Rios voadores' que trazem umidade em outras épocas estão funcionando como corredores de fumaça

Relato é de até 60% de aumento nos atendimentos médicos

PAULA FERREIRA
BRASÍLIA

A seca e as queimadas que ocorrem em boa parte do País têm causado efeitos negativos na saúde da população. Estimativas que chegam ao Ministério da Saúde apontam até 60% de aumento nos atendimentos em decorrência da má qualidade do ar. O dado, no entanto, é uma projeção com base em relatos de profissionais que atuam na ponta, já que ainda não há estatísticas oficiais sobre o tema.

A diretora do Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde, Agnes Soares, apresentou essa projeção ontem. Ela destacou que não existe monitoramento em tempo real do número de problemas decorrentes das condições climáticas em Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) e Unidades Básicas de Saúde (UBSs). "Há relatos de aumento de até 60% de atendimento, principalmente na parte infantil. E muitos dos municípios solicitam apoio inclusive na preparação para garantir

o atendimento de emergência, atendimento crítico, particularmente em casos de crianças, quando existem esses episódios mais críticos de poluição do ar", disse.

AULAS SUSPENSAS. Diante das adversidades climáticas que atingem não só São Paulo, mas o Centro-Oeste e a Amazônia, o Ministério da Saúde recomendou que as autoridades levem em consideração o cenário climático e continuem a avaliar a possibilidade de cancelar aulas e suspender atividades que demandem es-

forço físico.

"Se houver possibilidade de redução de atividades, isso tem de ser avaliado em cada situação. Atualmente, a umi-

Manter os cuidados
Diretora do Ministério da Saúde considera válido avaliar suspensão de aulas e de atividades ao ar livre

dade relativa do ar, associada a um nível muito elevado de partículas poluentes, prejudica o desempenho das crianças

e causa desconforto de forma geral. Nessas situações, em cada situação teria que ser avaliado a redução de atividades ou o fechamento de escolas", afirma Agnes.

A diretora ressaltou que é importante evitar exposição prolongada à fumaça. Além disso, é fundamental manter a hidratação. Ela alerta que, quando a fumaça causa redução ou perda na visibilidade, isso é um sinal de maior risco do ar para a saúde. "Recomendamos que se evite exposição ao ar livre quando ocorrerem os episódios críticos." ●

Imagem 10. screenshot da p. A15 do jornal O Estado de S. Paulo de 27 Ago 2024. Apenas uma das matérias da página está disponível online: <https://www.estadao.com.br/saude/relatos-indicam-ate-60-de-aumento-nos-atendimentos-de-saude-em-decorrencia-da-ma-qualidade-do-ar-nprmm/?srsltid=AfmBOou5yrtqVzELuiDz3aAjfvPYdbZlyjScVdGEi4hH05k2sP67igL>

Ambiente

Prejuízo causado pelas queimadas em SP deve passar de R\$ 1 bilhão

Tarcísio destaca perda de mais de 20 mil ha; Ibama e governo estadual divergem em relação a ações coordenadas

MATEUS CERQUEIRA
CIRCE DONATELLI
PAULA FERREIRA
BRASÍLIA

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), disse ontem que é muito difícil estimar, neste momento, os prejuízos provocados pelos incêndios no Estado, mas que seguramente eles vão passar de R\$ 1 bilhão. Ele mencionou, em entrevista à Globo News, que mais de 20 mil hectares de áreas foram queimados, resultando na destruição de muitas instalações, perda de animais e lavouras. Já em relação às causas do fogo, há divergências com o governo federal.

Tarcísio lamentou especialmente o impacto sobre os produtores de cana-de-açúcar, ressaltando a importância dessa cultura para a balança comercial de São Paulo. "Ela tem tido um resultado importante para o nosso agronegócio, até por ser uma cultura mais resistente à estiagem", afirmou, observando que a cana-de-açúcar foi fundamental para separar o agronegócio do Estado, principalmente graças ao açúcar e ao etanol.

De acordo com o governador, os últimos focos de incêndio, observados nas cidades de Pedregulho e Paulo de Faria, foram extintos. "Não tem nenhum foco ativo no Estado de São Paulo", afirmou, destacando que o Estado chegou a enfrentar mais de 1 mil. No entanto,



O fogo destruiu dezenas de veículos em um depósito em Dumont, próximo de uma plantação de cana

to, Defesa Civil e bombeiros continuam mobilizados, uma vez que as condições climáticas favoráveis a incêndios devem voltar nesta semana.

AUXÍLIO GOVERNAMENTAL. Com os focos de incêndio extintos, o governo paulista se prepara agora para criar e implementar medidas a fim de amenizar os prejuízos causados ao agronegócio pelas queimadas. Caso da subvenção de R\$ 100 milhões para o seguro rural, que, segundo o governador, tem o objetivo de tornar o acesso ao seguro mais acessível para os produtores.

Além disso, ele relembrou a linha de crédito de R\$ 10 milhões do Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista para pequenos produtores, com taxa de juros zero e carência de dois anos, anunciada no domingo. "É um recurso que vai poder ser empregado no cus-

teio para dar o reinício para recuperar suas lavouras, recuperar os seus animais."

CAUSAS. O governo federal e o governo de São Paulo apontam suspeitas diferentes para a origem das queimadas que têm causado transtornos no in-

Sob investigação
'Maioria dos incêndios iniciados em SP acontece em decorrência da ação humana', diz Agostinho

terior de São Paulo desde o fim da semana passada. O Ministério do Meio Ambiente vê indícios de crime orquestrado. Já o governo estadual diz que prendeu três suspeitos e investiga crimes, mas nega ver sinais de ação organizada.

O Ibama afirma que o início dos focos de forma quase si-

multânea na sexta-feira é um indicio de ação orquestrada. Já a gestão Tarcísio diz que não há até agora elementos que conectem as ocorrências e que acredita que o espalhamento rápido se deve às condições climáticas adversas.

Ao Estádio, o presidente do Ibama, Rodrigo Agostinho, afirmou que a maioria dos incêndios iniciados em São Paulo aconteceu em decorrência da ação humana. "A parte estranha é que, de fato, as ignições aconteceram quase todas no mesmo momento. Obviamente também estava quente, baixa umidade, ventando", disse.

Por outro lado, segundo Agostinho, também chama a atenção a falta de raios nos últimos dias, o que resultaria em ignições espontâneas. "Cria uma desconfiança, mas tem de ser investigado." Ele também descartou participação de produtores de fazendas de cana-

de-açúcar. "Acabou a queima da cana há muito tempo. E, em São Paulo, as usinas não têm mais essa prática. As usinas aproveitam a palha para gerar energia dentro da própria usina. Não faz sentido que elas tenham colocado fogo", diz.

Tarcísio de Freitas afirmou que o Estado "não vai tolerar" delitos desse tipo, ao citar o caso de um homem detido em Itatuba, que estava com um gallo de gasolina e disse pertencer a uma facção criminosa. Ele, porém, destaca não ver indícios de ação coordenada. "Não me parece. Tem estagema muito pesada, lavouras que estavam secas, calor extremo, baixa umidade relativa do ar e muito vento. Qualquer coisa pode provocar uma ignição", afirmou.

A Polícia Civil investiga, por exemplo, se foi criminoso um incêndio que destruiu dezenas de veículos em um depósito em Dumont, cidade a cerca de 20 quilômetros de Ribeirão Preto, no sábado. Segundo a polícia, os veículos eram particulares e haviam sido recolhidos em função de irregularidades. O espaço fica próximo de uma área rural com plantação de cana-de-açúcar. Pelas informações preliminares, o fogo começou nessa área e se alastrou, atingindo os carros.

ESPECIALISTAS. Marcelo Seluchi, coordenador de operações do Centro de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden), e o físico Paulo Artaxo, do Painel Internacional para Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU), acreditam que um grande número de incêndios pode ter sido criminoso, mas se espalhou rapidamente por causa das condições climáticas.

"A maior parte dos incêndios (em São Paulo) começou na sexta-feira, às 12h30. Não existe fenômeno natural com hora marcada para começar", afirmou Artaxo. "Há forte indicio de que os incêndios foram provocados." ● **COLABORAÇÃO: TAYANNE FARIAS/LEITE JORNALISMO**

Micropartículas trazem mais risco, mas há ainda carbono e enxofre

MILENA FÉLIX

O Sol observado no fim da semana passada estava com uma cor anormal: laranja estridente, quase vermelho. O professor de Química da USP Reinaldo Bazito explica que esse fenômeno é causado justamente pela fumaça. "A combustão incompleta cria compostos do tipo hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, que são bastante tóxicos, e cinzas. Chama-

mos isso de material particulado, o que causa a cor laranja do Sol, porque dispersa a luz de uma maneira diferente", diz. Bazito explica que esse material é o produto das queimadas que mais causa danos à saúde humana. "São micropartículas que a gente consegue inalar e vão diretamente para o pulmão, causando problemas respiratórios." Para evitar que isso aconteça, o especialista sugere o uso de máscara.

Outros compostos forma-

dos pelas queimadas são os óxidos de nitrogênio, como destaca o professor da USP. "Quando ocorrem queimadas, a gente aquece o ar, e no ar tem nitrogênio. Assim, se formam os óxidos de nitrogênio, que são irritantes para as vias aéreas e podem formar o ozônio troposférico." Este último produto químico tem alto poder oxidativo, e, por isso, causa prejuízo às plantas.

MAIS PROBLEMAS. Quando

ocorrem queimadas em áreas de vegetação, como agora, carbono está sendo queimado. Bazito explica que o gás carbônico é formado, um dos principais causadores do efeito estufa, além de, em menor proporção, o monóxido de carbono, que é tóxico. Quando inalado, este gás pode impedir o transporte de oxigênio no corpo humano, o que pode ser fatal.

Além disso, a fumaça decorrente das queimadas também contém enxofre, um dos principais formadores de chuva ácida. "O dióxido de enxofre vira ácido sulfúrico quando em contato com a água. Na hora da chuva, isso altera o pH da água, o que pode causar corrosão na construção civil e afetar

as plantas também", diz ele. O especialista afirma que há risco de ocorrer chuva ácida depois dessas queimadas, porque boa parte dos gases emitidos é "limpa" pela chuva.

Pior cenário
Especialista da USP afirma que existe risco de ocorrer chuva ácida depois dessas queimadas

BALANÇO. Dez Estados, além de Bolívia, Peru e Paraguai, foram atingidos pela fumaça produzida pelas queimadas espalhadas pelo País, conforme o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). ●

Imagem 11. screenshot da p. A16 do jornal O Estado de S. Paulo de 27 Ago 2024. Matéria disponível em: https://www.estadao.com.br/economia/agronegocios/prejuizo-incendio-agronegocio-tarcisio/?srsltid=AfmBOop8UxRHg_DjoBFBFG98dvD552AHolSUyHwZu-3OGJFTEM01WwUja

IV. No mesmo dia 27, a Folha de S. Paulo trouxe na capa o destaque para esse tema com uma grande foto e a informação de que o incêndio destrói lavouras e mata animais em São Paulo, como título da foto. A legenda em si diz que „o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) não vê indícios de ação coordenada nas queimadas“.

Na matéria da página B1, a Folha traz o seguinte título: „Tarcísio descarta articulação em incêndios; polícia discorda“. No subtítulo tem-se: „Quarto suspeito de envolvimento foi detido; usinas oferecem recompensas“. O texto polariza a opinião do governador, que não vê como criminosos os incêndios, com delegados e investigadores da Polícia Civil, que suspeitam se tratar de ações coordenadas.

O jornal acaba citando que o Ministério do Meio Ambiente e a Polícia Federal também mantêm suspeitas de que os incêndios sejam criminosos, mas a polarização fica entre a opinião do governador, por um lado, e da Polícia e dos usineiros de açúcar e álcool, por outro. A página é completada com matéria lateral sobre o prejuízo de R\$1 bilhão para o agronegócio paulista, e uma terceira matéria sobre o efeito destruidor do fogo em um assentamento, que gerou perdas de animais, casas, alimentos, utensílios e lavouras.

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 • Nº 34.845 TERÇA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2024 R\$ 6,50

Incêndios deixam ar insalubre em 8 estados e DF

Amanhã de poluição causada pelos incêndios no país atinge ontem o Distrito Federal e os outros oito estados, entre o Amazonas e São Paulo, segundo o site IQAir, que monitora a qualidade do ar em todo o mundo. Porto Velho (RO) era a cidade com o ar mais poluído do Brasil, seguida por Rio Branco, Manaus, Recife e a capital paulista. *Continuação B1*

Membro de junta eleitoral questiona vitória de Maduro

Juan Carlos Delgado, um dos cinco relatores do CNE (Conselho Nacional Eleitoral), órgão de maioria chavista, disse em carta que houve falta de transparência e de veracidade no resultado do pleito que reelegera Nicolás Maduro para mandato de mais seis anos na Venezuela. *Mundo A14*

Nova Edição Folha adota formato de jornais europeus

Política A13

Ilustrada C1

Rock in Rio faz 40 anos

Festival ditou as tendências nos megashows do país, do rock ao sertanejo

Comida C10

Fatia de sashimi de atum bluefin, peixe mais caro do mundo, custa R\$ 56 em SP

Esporte B7

Brasil quer seguir hegemônico no futebol de cegos

Seleção venceu todas as edições das Paralimpíadas e busca em Paris sua sexta medalha de ouro. Grupo mescla jogadores veteranos e jovens estrangeiros.

EDITORIAIS A2

Alexandre de Moraes insiste na anomalia

Sobre novo inquérito sobre o ministro do STF.

Fogo cruzado

A respeito de embate entre Israel e o Hezbollah.

INCÊNDIO DESTRÓI LAVOURAS E MATA ANIMAIS EM SP

O agricultor Nelson Cardoso Junior, 50, onde ficava sua casa, em Guatapará; o governador Tarso de Freitas (Republicanos) não vê indícios de ação coordenada nas queimadas. *Continuação B1*

Vale escolhe nome interno para comandar a mineradora

Gustavo Pimenta é o novo presidente da companhia; definição põe fim a sucessão marcada por pressão de Lula

O conselho de administração da Vale escolheu o vice-presidente financeiro da empresa, Gustavo Pimenta, para assumir a presidência da mineradora. A definição põe fim a sucessão conturbada em que o presidente Lula (PT) tentou, sem sucesso, empurrar o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega. Pimenta vai substituir Eduardo Bartolomeu, que tentou se reeleger, mas não conseguiu apoio dos conselheiros aliados ao governo Lula. O novo presidente foi escolhido após análise de lista com 15 nomes entregue por consultoria internacional, contratada pela mineradora para auxiliar na sucessão.

Ele é formado em economia pela Universidade Federal de Minas Gerais e tem mostrado em finanças e economia pela FGV. Está na Vale desde 2021. Antes, havia trabalhado na empresa de energia AES e no Citigroup. A Vale foi alvo de ataques do governo e de aliados durante todo o processo de sucessão. O ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia) chegou a dizer que a mineradora estava "acéfala". A dificuldade da companhia em definir um novo presidente e constantes vazamentos de informações tiveram impacto na percepção dos investidores, derrubando as ações da empresa durante o ano. *Mercado p.1*

Marçal é evasivo sobre vídeos e afirma não temer ser preso

Pablo Marçal (PRTB) negou em entrevista à Folha ter feito compromissos de vídeos monetizados entre seus seguidores desde que anunciou sua candidatura à Prefeitura de São Paulo. No sábado, a Justiça suspendeu os perfis de Marçal por ver indícios de abuso econômico.

Ele disse ter interrompido os vídeos "bem antes" da campanha, mas foi evasivo sobre a data. Afirmando ainda que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) não tem hegemonia sobre os eleitores de direita e que não teme ser preso no âmbito do caso do Povo das Marins. *Política A6*

Hélio Schwartzman

Não falta irregularidade na candidatura do influenciador em São Paulo *Opinião A2*

Boulos dosa atrito com ex-coach; Tabata usa rival como trampolim

Guilherme Boulos (PSOL) e Tabata Amaral (PSB) traçam estratégias distintas no enfrentamento a Pablo Marçal (PRTB). O psolista frisa o bolsonarismo do adversário, e a deputada busca ganhar visibilidade ao atacá-lo. *Política A4*

Plano de transição energética prioriza combustível fóssil

A Política Nacional de Transição Energética, lançada ontem pela governadora Lula (PT), foi encarada pelo mercado como um pacote voltado ao petróleo e gás e dividida o setor, que vê mais intervenção do governo. Plano lida pouco em fontes limpas. *Mercado p.2*

Governo paulista manterá chefe do conselho da Sabesp

Agosto Tarso de Freitas (Republicanos) vai reconduzir a atual presidente do conselho da Sabesp, Karla Bertocco, que tinha cargo nomeando da Equatorial até dezembro. Carlos Pimenta, indicado como CEO da empresa de saneamento, é renomeado diretor. *Mercado p.4*

ATMOSFERA

São Paulo hoje

20° / 6°

Rio de Janeiro

25° / 12°

Brasília

22° / 10°

Recife

28° / 18°

Fonte: www.climatempo.gov.br

Seleção brasileira de futebol de cegos treina nas instalações do Comitê Paralímpico Brasileiro; cerimônia de abertura das Paralimpíadas de Paris-2024 será na quarta (30) *Continuação B1*

Imagem 12. screenshot da capa do jornal Folha de S. Paulo de 27 Ago 2024.

Tarcísio descarta articulação em incêndios; polícia discorda

Quarto suspeito de envolvimento foi detido; usinas oferecem recompensas

Marcelo Toledo,
Clayton Castellani
e Paulo Eduardo Elias

ABERTO PRETO E PRADOIS (SP) Até o momento não há indícios de que a onda de incêndios que atingiu o estado de São Paulo tenha sido causada por uma ação coordenada de criminosos, disse na segunda-feira (26) o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

As quatro pessoas foram detidas suspeitas de causarem as queimadas. A última dessas detenções aconteceu na segunda em Batatas. O homem de 27 anos foi preso por policiais militares após colocar fogo em um pasto. O incêndio chegou até uma residência. A investigação segue em andamento.

As outras três pessoas aconteceram nas cidades de Guaraci, São José do Rio Preto e também Batatas, todas no interior do estado. "Até aqui não conseguimos constatar nenhum tipo de relação entre essas pessoas, ou envolvimento coordenado", afirmou o governador.

Apesar da declaração, a Polícia Civil disse que ainda não descartou nenhuma hipótese. O delegado respon-

sável pelo caso disse à Folha que um dos principais objetivos da investigação é chegar aos responsáveis pelo fogo e descobrir se eles agiram sozinhos ou a mando de outras pessoas.

As origens dos incêndios ainda estão sendo investigadas também pela Polícia Federal, que abriu dois inquéritos no domingo (15). A informação foi repassada pelo diretor geral da corporação, André Rodrigues, e pela ministra do Meio Ambiente, Marina Silva.

Segundo ela, o fato de os incêndios em São Paulo se intensificarem em dois dias é um sinal de ação humana, posição que foi reforçada em evento da pasta nesta segunda-feira.

"Tem a estranheza do aumento repentino de focos de incêndio, muitos deles concentrados em lavouras de cana", disse Raulo Rios, diretor do Departamento de Políticas de Controle do Departamento e Queimadas do Ministério.

Representantes do setor agrícola também já afirmaram que o incêndio pode ter origem criminosa. A situação fez usinas de açúcar e etanol do interior de São Paulo ofere-

der informações sobre os autores do fogo.

Depois, de o Grupo Moreno oferecer recompensa de até R\$ 30 mil por informações que levem à prisão dos dois incêndios, agora a Usina Santa Adélia está ofertando R\$ 20 mil para quem conseguir identificar os responsáveis.

Tais incêndios causam transtornos e prejuízos às empresas, seus colaboradores, meio ambiente e sociedade em geral. O programa de recompensa por denúncias está disponível para qualquer pessoa que tenha informações sobre as causas e autoria desses incêndios", diz o comunicado do grupo. A recompensa será paga caso, segundo o grupo Moreno, as informações sejam úteis para a investigação.

A Santa Adélia ofereceu como causa de denúncias unidades em Jaboticabal e Pereira Barreto e também pagará caso os autores sejam presos a partir das informações oferecidas pelos denunciadores.

O presidente da Fasp (Federação da Agricultura do Estado de São Paulo), Tino Meireles, afirmou que o setor agrícola não é responsá-

vel pelos incêndios.

Ele disse à Folha que foram encontradas garrafas com gasolina enterradas em lavouras das regiões de Batatas e General Salgado e que orientou os produtores rurais a registrar boletim de ocorrência na polícia.

"Quando se inicia um incêndio, ele inicia pontualmente por alguma brinca de cigarro, uma lata de cerveja ou óleo. Agora tem uma sequência de uma distância de quilômetros um do outro e levar tudo ao mesmo tempo é algo surreal, né? Isso não existe, não é possível que você tenha 30 km de incêndios praticamente contínuos", afirmou.

Tarcísio disse que uma "combinação explosiva" de eventos climáticos podem ter levado ações criminosas pontuais e isoladas e até mesmo acidentais, como fogareiros e brinca de cigarro, a se transformarem em queimadas gigantes.

Delegado responsável pelo caso, Jorge Amado Cury Neto classificou a situação de assustadora. "O que nós vivenciamos nos últimos quatro, cinco dias é algo que eu nunca vi em Ribeirão Preto e na nossa região", afirmou ele.

Nós não podemos descartar nada. Porque tem ações isoladas e tem ação da natureza também, que espalhou demais o fogo. O negócio foi tão macro, houve floresta, reserva ambiental, parte rural, parte da cidade, parte urbana. O que aconteceu na região nos últimos quatro, cinco dias foi algo impactante

Jorge Amado Cury Neto
delegado responsável
pelo caso

Colaboração Mariana Brasil e
João Gabriel de Brasília

Queimadas em SP causaram prejuízo de R\$ 1 bi para o agronegócio

Paulo Ricardo de Martins

SÃO PAULO As queimadas registradas no interior de São Paulo nos últimos dias causaram um prejuízo inicial de R\$ 1 bilhão a diferentes segmentos da agropecuária paulista. É o que projeta a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado em boletim divulgado na segunda-feira (26).

De acordo com a pasta, as cadeias produtivas mais afetadas foram bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, produção de cana-de-açúcar, fruticultura, horticultura, pecuária leiteira, suinocultura e apicultura.

Os dados foram levantados por 20 dias após o início da campanha de combate às queimadas, coordenada pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento e sediada em Campinas (SP). Segundo o levantamento, 3.377 propriedades, localizadas em 144 municípios paulistas, foram atingidas pelo fogo.

O governo de São Paulo lançou um pacote de ajuda para produtores rurais que tenham sido afetados pelos incêndios. As medidas incluem recursos emergenciais e proteção jurídica para essas propriedades.

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento diz ter disponibilizado R\$ 120 milhões para o pacote de ajuda aos produtores. Do montante, R\$ 100 milhões serão destinados para o seguro rural, com objetivo de mitigar os impactos financeiros, e os R\$ 20 milhões restantes servirão para o controle de despesas de manutenção e recuperação de produção.

Cada produtor afetado terá acesso a R\$ 50 mil para as despesas. O dinheiro será oferecido por meio do Fisp (Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista).

Além disso, as propriedades em questão serão enquadradas nos programas habitacionais paulistas. De acordo com o governo, o objetivo é recuperar as moradias atingidas pelas queimadas.

Produtores rurais da região dizem acreditar que incêndios registrados no interior paulista nos últimos dias foram provocados por ação humana — ou seja, de forma criminosa. Eles afirmam que a forma como as queimadas começaram aponta para uma ação coordenada.

De acordo com a Orplana (Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil), o prejuízo para produtores rurais donos de lavouras de cana de açúcar chega a R\$ 350 milhões.

R\$ 350 mi
foi o prejuízo para os donos de lavouras de cana-de-açúcar, segundo a Organização de Associações dos Produtores de Cana do Brasil

R\$ 110 mi
é valor do pacote de ajuda oferecido pelo estado de SP aos produtores rurais afetados



O agricultor Silvio Roberto Gomes, 55, perdeu toda sua criação de frangos em incêndio em Pardópolis (SP). (Foto: J. Rodrigues)

Fogo mata animais e destrói casas em assentamento

Marcelo Toledo e Joel Silva

ABERTO PRETO E PRADOIS (SP) Os incêndios em série que atingiram São Paulo desde quinta-feira (12) mataram mais de 200 animais, destruíram moradias e plantações e deixaram um rastro de desolamento na zona rural da região de Ribeirão Preto (a 315 km de São Paulo), uma das mais atingidas pelos focos de queimadas.

Parte de um assentamento, com um acampamento anexo, composto por 90 famílias entre Guaraporã e Pradois, foi atingida pelo fogo, que destruiu totalmente pelo menos oito moradias e causou prejuízos diretos a outros moradores — foram os efeitos da fumaça intensa, que atingiu toda a área.

Os cerca de 40 minutos de chamas acabaram com tudo o que o agricultor Silvio Roberto

Gomes, 55, acampado há 12 anos no local, tinha como forma de sustentar sua família. Entre os animais mortos estão 70 frangos e 45 porcos. Foram perdidos ainda favelão de milho e sítio para vaca que existiam no local. Ele calcula um prejuízo de R\$ 70 mil.

"Morriam queimados todos os animais, perdemos também os alimentos deles. Tentamos fazer com que eles saíssem, mas morreram todos amontoados", disse. Só um porco conseguiu se salvar, mas ficou bastante ferido. Os vizinhos ainda chegaram para ajudar a família de quatro pessoas a apagar o fogo em volta da casa. "A prioridade é a casa, porque tem mais gente", disse. O fogo é uma guerra, você não consegue combater ele. Quando você pensa que vai combater, ele vem mais forte", disse o agricultor.

No local há 58 anos, o agricultor Gilmar Ferreira Gomes disse que as famílias já enfrentavam dificuldades antes de o local sofrer devastação pelas chamas, que foram agravadas desde o final de semana. O fogo não atingiu sua moradia, mas seu filho teve que abandonar o sítio de vaca para tratar do gado. "Muita gente perdeu o que tinha para alimentar animais, então a gente apela para que usinas da região ajudem a não deixar os moradores morrerem de fome", disse. Alguns moradores têm áreas de cana-de-açúcar arrendadas para usinas de etanol e açúcar da região de Ribeirão Preto.

O cenário de perder tudo o que tinha com incêndio não é novidade para o agricultor Nelson Cardoso Junior, o irmão, que sofreu perda total pela segunda vez somente nesta ano graças às queimadas. A primeira foi em janeiro, quando perdeu sua casa e

tudo o que tinha nela. Com o tempo se reagrupou parcialmente e, agora, sofreu novo revés no campo.

"A gente vem pedindo, pedindo e acaba tudo de novo. Foi um vento muito forte, não deu tempo para fazer nada. Sobramos só nós [a família]", disse ele, que mora com a esposa e um casal de filhos no local.

Desabrigado, precisou recorrer ao auxílio de familiares, que moram em Ribeirão Preto, mas afirma que não vai abandonar o sonho de viver no campo. "Vou conseguir me reagrupar de novo", disse.

As famílias estão sendo auxiliadas por um grupo de voluntários de Pradois, que se uniu em busca de doações de alimentos básicos. Embora localizada em Guaraporã, a área atingida fica mais próxima de Pradois.

"A gente agradece mu-

to as pessoas da cidade que estão arrecadando mantimentos e não ajudando", disse Gomes. A Prefeitura de Pradois também enviou funcionários ao local.

A Defesa Civil e o Fundo Social do estado indicaram que enviarão ajuda humanitária para Pradois, com colchões, água e cesta básica.

Pradois é uma das 48 cidades paulistas em alerta máximo para incêndio, segundo o governo estadual. Também da macrorregião de Ribeirão Preto estão na lista outras 20 cidades: Pontal, Monte Azul Paulista, Sertãozinho, Santo Antônio da Alegria, Boa Esperança do Sul, Piratunópolis, Dorador, Itapetina, São Simão, Bebedouro, Bitinga, Taubaté, Brodowski, Louisa, Antônio, Pedregulho, Tambaú, Alimópolis, Morro Agudo, Batatas e Batatinha.

Imagem 13. screenshot da p. B1 da Folha de S. Paulo de 27 Ago 2024. Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/tarcisio-descarta-acao-articulada-em-incendios-policia-investiga-se-ha-mandantes.shtml>

A despeito de ser o jornal que menos trouxe informações na edição do dia 27 sobre as queimadas fora de controle em São Paulo, e sem a polarização entre órgãos federais e cientistas de um lado e governo do estado de outro, a Folha havia antecipado a pauta no dia anterior, segunda-feira, quando trouxe na capa, como manchete: „Produtores e governo veem indícios de crime em incêndios“, seguida do subtítulo: „PF abre inquéritos para investigar os casos de queimadas em SP; prejuízo nas lavouras de cana ultrapassa R\$350 mi“.

Curiosamente, nessa matéria do dia 26, não está noticiado o posicionamento narrativo do governador que se evidenciou depois. Logo no primeiro parágrafo está: „A Polícia Federal abriu dois inquéritos para investigar suspeita de ação criminosa nos incêndios em São Paulo. O governador Tarcísio de Freitas também pôs a Polícia Civil para apurar o caso“. Ou seja, do dia 26 para o 27 o governador mudou de posição, deflagrando uma guerra

narrativa. Isso é confirmado pela matéria na página B1 no próprio dia 26, cujo título é „Governos [federal e estadual] e produtores veem indícios de crime e PF e SP investigam incêndios“.

Em matéria no Estadão, dia 26, há a seguinte declaração do governador: „Nós tivemos ação de criminosos. É uma coisa que não vamos tolerar“. Porém, não se referia a ações coordenadas, e sim a casos isolados de dois homens que haviam sido detidos até aquele momento no estado. O Globo e Valor Econômico também noticiaram já no dia 26 as suspeitas de órgãos da administração federal, como Ibama e Ministério do Meio Ambiente, a prisão de suspeitos e a abertura de investigações por parte da Polícia Federal, mas sem declarações do governador sobre isso, o que demonstra que até as edições do dia 26 essa guerra narrativa não havia sido declarada.



Imagem 14. screenshot da capa do jornal Folha de S. Paulo de 26 Ago 2024.

cotidiano

FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2024



Homem observa fogo consumir plantação de cana-de-açúcar na cidade de Dumont, no interior de São Paulo, prejuízo em lavouras chega a R\$ 350 mil

Governos e produtores veem indícios de crime e PF e SP investigam incêndios

Fogo já queimou 59 mil hectares de lavouras de cana-de-açúcar, causando prejuízo de R\$ 350 mil

SÃO PAULO, BRASIL E BATATAIS (SP) A PF (Polícia Federal) abriu dois inquéritos neste domingo (26) para investigar suspeita de ação criminosa nos incêndios que afetam o estado de São Paulo.

Segundo a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, o fato de os incêndios no interior paulista se intensificarem em dois dias, a partir da quinta (23), é sinal de ação humana. A suspeita de ataques criminosos também foi compartilhada pelo presidente Lula (PT).

Nas redes sociais, ele afirmou que o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) não registra nenhum incêndio por causas naturais em São Paulo. "Significa que tem gente colocando fogo de maneira ilegal, uma vez que todos os estados do país já estão analisando o problema de fogo de munejo", disse.

Em reunião em Brasília neste domingo, Lula afirmou: "Já é tudo propriedade privada, é canavieira, é fazenda", em referência a São Paulo e a suspeita de incêndios criminosos.

O diretor geral da PF, André Rodrigues, anunciou que as 15 delegacias da instituição no interior de São Paulo e a superintendência regional estão mobilizadas para a investigação.

Mais cedo, também neste domingo, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) já havia dito que a Polícia Civil de São Paulo investiga casos de possíveis incêndios criminosos. A corporação diz apurar vídeos e imagens mostrando o que seriam autores dos ataques. Os registros circulam nas redes sociais.

Dois homens foram presos neste fim de semana em São Paulo suspeitos de atacar fogo, em São José do Rio Preto e Batatais. O primeiro caso, no sábado, foi de um idoso de 76 anos suspeito de incendiar floresta em mata no bairro Jardim Maracanã, em São José do Rio Preto.

No domingo, em Batatais, um homem de 41 anos foi detido após ser flagrado por um morador, no bairro Jardim Celeste, colocando fogo em uma mata. Ele portava um maço de uma garrafa com gasolina.

De acordo com policiais, o telefonema celular do suspeito tinha vídeos de incêndios armados na galeria de imagens — inclusive dele comemorando outras queimadas.

Tarcísio, em visita a Ribeirão Preto, cidade que concentra grande parte dos focos de calor, disse que o detido em Batatais tem histórico de crimes. "Criminoso, com passagem pela polícia, com grêmios, usando fogo, quer dizer, querendo agravar a situação", disse o governador.

Produtores rurais de São Paulo covidos pela reportagem compartilharam a hipótese de que os incêndios têm origem criminosa. Eles afirmam acreditar que o fogo dos últimos dias foi provocado por ação humana. Representantes do setor disseram à Folha que a forma como as queimadas começaram aponta para uma ação coordenada.

Almir Torcato, diretor executivo da Canaesteiro (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), afirmou que, embora as condições climáticas fossem favoráveis a incêndios (calor acima de 30°C, ventos fortes e baixa umidade), o fogo começou de pontos separados, o que pode indicar ação humana.

"Nós, como instituição, não temos prova suficiente para fazer que foi ação coordenada. Mas os fatos por si só não são coerentes para ser considerados naturais", disse Torcato.

Torcato afirmou que há décadas o setor já não usa queimadas na produção — atividade que, segundo ele, era comum quando a canaveia colhida sem mecanização.

Avião compartilhado pelo produtor Marco Gualdi. Segundo ele, o setor nunca viu um incêndio ocorrer dessa forma.

"Os focos iniciaram simultaneamente, em pontos distantes um do outro, dificultando a presença das brigadas", afirmou Gualdi. "Tudo leva a crer que foi uma ação criminosa e bem articulada."

Segundo a Abag (Associação Brasileira da Agropecuária), essa é uma luta antiga do setor. A entidade diz que, em 2023, entregou um ofício à Secretaria de Segurança do Estado no qual pediu que os casos de suspeita de incêndios criminosos fossem levados adiante e investigados.

Empresas do setor também dizem que suspeitam de queimadas provocadas por ação humana. A Raiteri diz acreditar que os incêndios são de natureza criminosa, agravados por estiagem, baixa umidade do ar, ação dos ventos e altas temperaturas.

Empresas do setor agrícola, o Grupo Moneto chegou a oferecer recompensa de R\$ 50 mil por informações de incêndios criminosos.

O fogo no interior de São Paulo nos últimos dias já queimou 59 mil hectares de lavouras de cana-de-açúcar, causando um prejuízo aos produtores rurais de R\$ 350 milhões.

Os dados são da Orplana (Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil) e contemplam áreas a serem colhidas e também de reflorestamento, em pontos distantes um do outro, dificultando a presença das brigadas. Só neste sábado, foram 2.855 focos de incêndio no estado, o dobro no primeiro dia de 2024, no dia seguinte.

"O sábado começou melhor, mas os fortes ventos atrapalharam muito no fim do dia", afirmou o CEO da Orplana, José Guilherme Nogueira. Bruno Lucchese, César Feitosa, Marcelo Toledo e Paulo Ricardo Martins

Cidades suspendem aulas e têm alta em atendimentos médicos

Marcelo Toledo, Claudia Colucci e Angela Barrocas

uma festa que acontecia numa fazenda do município. Frequentadores relataram momentos de pânico com a aproximação das chamas, do calor provocado por elas e da fumaça. A festa teve, que deveria terminar no meio do domingo, acabou com os participantes atendidos no ginásio municipal.

Em Ribeirão, o fim de semana foi marcado também por correria e medo devido ao grave incêndio no entorno do condomínio de alto padrão Alphaville 3, que fez com que moradores deixassem o local devido à forte presença de fumaça.

Foi como viver em um filme de terror", disse a diarista terapeuta Mayra Pádua Gatti, 43, que deixou a casa em que mora no condomínio com os dois filhos por medo da fumaça, no fim da tarde de sábado.

O governo estadual montou um comitê de emergência para atender moradores como um grupo da zona rural de Piracicaba, que teve suas casas atingidas pelo fogo. Eles receberam colchões, cestas básicas e água.

tem ocorrido. Ribeirão Preto já registra chamas neste domingo, que afeta a fumaça, mas não o suficiente para levar a alta na procura por atendimentos de saúde nas UPAs (Unidades de Pronto Atendimento), que estão com demanda 10% acima do normal.

"Estamos nos preparando para segunda e terça atender muitas pessoas com problemas respiratórios em função da fumaça de sábado e domingo", disse o chefe de Serviço de Pronto Atendimento (PSOP), prefeito de Ribeirão. Não há focos de incêndio ativos neste domingo na cidade.

Com o aumento dos atendimentos por problemas respiratórios, o HC (Hospital das Clínicas) de Ribeirão criou, em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde, um plantão 24 horas para avaliar por meio da telemedicina casos de pacientes dependendo do risco de gravidade de cada um.

Em Alagoinópolis, cerca de 300 pessoas procuraram atendimento médico após a fumaça dos incêndios invadir o município.



Área de mata que pegou fogo ao condomínio Alphaville 3, em Ribeirão Preto

uma festa que acontecia numa fazenda do município. Frequentadores relataram momentos de pânico com a aproximação das chamas, do calor provocado por elas e da fumaça. A festa teve, que deveria terminar no meio do domingo, acabou com os participantes atendidos no ginásio municipal.

Em Ribeirão, o fim de semana foi marcado também por correria e medo devido ao grave incêndio no entorno do condomínio de alto padrão Alphaville 3, que fez com que moradores deixassem o local devido à forte presença de fumaça.

Foi como viver em um filme de terror", disse a diarista terapeuta Mayra Pádua Gatti, 43, que deixou a casa em que mora no condomínio com os dois filhos por medo da fumaça, no fim da tarde de sábado.

O governo estadual montou um comitê de emergência para atender moradores como um grupo da zona rural de Piracicaba, que teve suas casas atingidas pelo fogo. Eles receberam colchões, cestas básicas e água.

Imagem 15. screenshot da p. B1 do jornal Folha de S. Paulo de 26 Ago 2024. Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/governos-e-produtores-veem-indicios-de-crime-e-pf-e-sp-investigam-incendios.shtml#:~:text=Produtores%20rurais%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,aponta%20para%20uma%20a%C3%A7%C3%A3o%20coordenada.>

3. NEGACIONISMO SORRATEIRO NOS MEIOS E FAKE NEWS NO METAVERSO

Enquanto o jornal Valor Econômico foi o que mais deu espaço para as queimadas e publicou na mesma edição uma entrevista de página inteira com o maior nome sobre o assunto, o cientista Carlos Nobre, que forneceu dados sustentando a suspeita de ações coordenadas, o Estadão deu um espaço mínimo e secundário a especialistas, que defendem a hipótese de incêndios criminosos, e amplo espaço para repetidamente o governador afirmar que não há indícios de que foram criminosos. A Folha de S. Paulo foi o jornal que menos deu espaço a essa guerra no dia 27 de agosto, mas antecipou o tema no dia 26, quando trouxe a narrativa única da suspeita sobre os incêndios

serem criminosos, já que articulados no tempo, no espaço, nas condições atmosféricas. Inclusive apresentou governo federal e governo estadual sob esse mesmo guarda-chuva narrativo, evidenciando que o governador do estado mudou de lado discursivo-narrativo literalmente de um dia para o outro. O Globo, por sua vez, foi contundente na afirmação de que, não só os incêndios eram provavelmente criminosos, como também que deveria haver mais repressão a esse tipo de crime. Porém, fez jogo discursivo duplo, já que o título da última matéria sobre o tema afirma que „Prisões por atear incêndios indicam ações sem conexão“.

A filiação a duas narrativas que se contradizem, como observado sobretudo em O Globo, pode se dar por diferentes motivos intra e extra jornalísticos. A pluralidade de vozes e opiniões em um meio é recomendada pelos manuais de redação jornalística e por entidades como o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, além de poder indicar liberdade entre as editoriais de um mesmo meio. Há porém outras possibilidades, como ser opção do jornal dar espaço às duas narrativas, ao menos até que uma se prove como verdade única ou preponderante, ou também como parte do conjunto de pós-verdades (Lourenço, 2024), do qual alguns políticos do Brasil, da Argentina e dos EUA são adeptos: dar duas declarações contraditórias sobre o mesmo tema, como *temos de expulsar imigrantes e imigrantes serão bem-recebidos em nosso país*. No caso de O Globo, pelo fato do editorial afirmar a opinião do jornal junto a uma das narrativas, essa última hipótese é descartada.

Segundo Motta (2013, p. 223-227), os níveis de poder da narração jornalística são índices de interpretação discursiva, ou seja, das posições construídas discursivamente que causam impactos na assistência e/ou em leitores e leitoras, influenciando na opinião pública. A construção discursiva de uma *verdade* ou proposição passa por diferentes etapas, normalmente de fora para dentro: de um narrador extradiegético/ fora da estória (normalmente o próprio meio de comunicação) a um narrador intradieético (um/a repórter ou especialista consultado/a) e a um narrador-personagem. Essas etapas são claramente identificadas no caso da Folha no dia 27 e sobretudo do Estadão: etapa a etapa, constrói-se *a verdade* junto à narrativa do governador, que com isso provavelmente aumenta seu capital político.

Os meios hegemônicos, como observado, não se destacam por apresentar narrativas catastróficas ou apocalípticas, mas sim narrativas que banalizam ou normalizam, naturalizam, as mudanças climáticas. E isso se constitui como negacionismo. Não necessariamente o negacionismo climático. O que se evidenciou é que esses meios dão indícios de *naturalizar as mudanças climáticas como responsáveis por todos os problemas ambientais*, sobretudo os incontornáveis, como parte dos incêndios que atingiram o estado de São Paulo. Não há destaque para a implicação de gestores ou órgãos responsáveis, menos ainda para a discussão de possíveis causas fundantes, como uso indevido do solo (desmatamento, monocultivo, agronegócio, mineração, pecuária extensiva), economia baseada em combustíveis fósseis, consumo abusivo, mercantilização da natureza, capitalização e individualização das relações sociais, dentre outras causas colocadas por Marques (2018) em *Capitalismo e colapso ambiental*.

Tudo parece ter entrado para a conta das mudanças climáticas. Elas são colocadas como as culpadas únicas, as causadoras. Mas não se fala no que as causou, nem desde quando, muito menos sobre quem tem se beneficiado com isso. O negacionismo aqui, portanto, refere-se não ao fato de esconder as mudanças climáticas, mas de se esconder atrás delas.

Nesses mesmos dias, junto à suspeita de se tratar de incêndios criminosos, espalhou-se nas redes sociais a „notícia“ de que membros do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST) foram responsáveis por grande parte das queimadas no estado de São Paulo. O movimento foi obrigado a negar a notícia, caracterizando-a como *fake news*. Mas, ao fazer isso, teve de afirmar em todos os seus meios (redes sociais, informativos, sites, podcasts) a sentença que condenava a si próprio: o MST [não] causou os incêndios que assolam SP. Negar a verdade acaba por evidenciar a verdade, por isso é discursivamente efetivo criar uma proposição falaciosa. De igual maneira, negar uma inverdade é uma forma de evidenciar exatamente essa inverdade. A vitória parece ser do lado que consegue obrigar a outra parte negar a proposição mentirosa. Pois no processo de negação há a afirmativa do que se quer negar. Esse é um dos truques – ou truques – do negacionismo.

Nas últimas décadas, com auxílio de algoritmos e mecanismos de produção e difusão de *fake news*, sobretudo vinculados à ascensão de uma espécie de nova direita ou ultradireita ou extrema direita ou, ainda, de uma direita cínica (Lourenço, 2024), foram produzidas guerras narrativas em prol da construção de mitos – ou heróis (Motta, 2013) –, naturalização da pobreza ou da desigualdade, e negacionismo climático.

Nas próprias enchentes do Rio Grande do Sul, foram difundidas diversas *fake news*. Meios de comunicação acabam por veicular matérias sobre elas, seja para alertar a população, seja para anunciar atitudes que estavam

sendo tomadas pelo poder público a esse respeito. Em 8 de maio de 2024, por exemplo, a Folha publicou em seu site, seu jornal impresso e redes sociais: „Governo quer usar PF para investigar e responsabilizar quem divulga fake news sobre tragédia no RS“. Porém, quando laboratórios de verificação de informação identificaram que a maioria das *fake news* era disparada pela extrema direita, inclusive por sete deputados federais, sendo cinco do Partido Liberal e dois do União Brasil, a Folha relegou essa divulgação ao seu meio secundário e somente online, o UOL, que por sua vez expôs detalhes das contra-narrativas de desinformação:

Extrema direita quer impedir que governo ganhe visibilidade na tragédia. Para a coordenadora do Netlab, Marie Santini, as publicações que desinformam sobre a atuação dos entes federativos, sobretudo do governo federal, têm como objetivo impedir que o governo capitalize a exposição das ações de socorro ao estado gaúcho (...) ‘Empresários e civis são os verdadeiros heróis’. Iniciativa privada e voluntários surgem como heróis. À medida em que ataca o Estado, a extrema direita também tenta emplacar nas redes uma hipervalorização da atuação de empresários e de civis voluntários na ajuda humanitária às vítimas (Aleixo, 2024).

Mitos e heróis são parte da construção narrativa jornalística que envolve personagens. Motta (2013, p. 189), a partir da compilação de autores que tratam sobre o tema, explicita as modalidades de identificação da audiência com o herói, que vai da identificação associativa ou admirativa por um herói perfeito à identificação catártica (por um herói oprimido que desperta zombaria) ou irônica (por um anti-herói). Como observado, não somente as notícias, mas também as *fake news* têm feito uso de tal arsenal narrativo. As notícias falsas sobre as enchentes no Sul colocaram representantes do governo federal em posição catártica ou irônica, e da iniciativa privada em posição admirativa ou associativa.

4. ENSAIOS SOBRE OS FINS E OS RECOMEÇOS

Os meios não hegemônicos de comunicação, aqui representados por Agência Pública e Sumaúma, apresentam dupla característica narrativa.⁴ A primeira confirma o risco discursivo-narrativo do catastrofismo, evidenciado sobretudo por escolhas lexicais que, para cativar ou chamar a atenção de leitores e leitoras, conferem certa dramaticidade trágica aos enunciados – o que Motta (2013, p. 229) situa como modelo dramático no plano do valor-narrativa. Os prints das chamadas de duas matérias de abril de 2024 de Sumaúma contêm exemplos dessa escolha lexical, com destaque para os termos *fim do mundo* (nas duas chamadas), *destruição em cadeia* e *apocalipse*.

4 Trata-se aqui de um levantamento breve, exploratório, amostral, por isso a escolha de apenas dois meios, observados em abril (no caso de Sumaúma) e de junho a julho (no caso da Agência Pública) de 2024. Outros meios considerados não hegemônicos passíveis de estudo nesse sentido incluem Repórter Brasil, The Intercept Brasil, Outras Palavras e Revista Fórum, além de meios ligados a entidades como Instituto Socioambiental (ISA), Observatório da Mineração e Instituto Serrapilheira.



Imagens 16 e 17. Screenshot de duas matérias do site Sumaúma – Notícias do Centro do Mundo. Primeira: <https://sumauma.com/rio-paraguai-contra-o-fim-do-mundo/#:~:text=Em%20julho%20de%202023%2C%20ao,pela%20sua%20utilidade%20%C3%A0%20humanidade.>

Segunda: <https://sumauma.com/mais-um-mes-mais-um-recorde-de-calor-mais-um-aviso-de-apocalipse/>

A Agência Pública, por sua vez, tem intensificado o léxico apocalíptico a ponto de nomear seu recém-lançado videocast como „Bom dia, fim do mundo“.⁵ Como subtítulo, os dizeres „Conversas para transformar a apatia em inquietação, sem derrotismo e também sem negacionismo“ demonstram que, mais além de

5 Todos os episódios estão disponíveis em: <https://apublica.org/podcast/2024/08/bom-dia-fim-do-mundo/>

catastrofismo, a nova mídia lançada pela Pública insere-se num discurso pós-crítico, que, através da percepção ambiental, apresenta perspectivas de luta ou resistência à ideia de fim (Fonseca, 2024). Nas palavras de Krenak (2019, p. 13), enquanto se puder contar mais uma história, „estaremos adiando o fim do mundo“. Não só o jornalismo, mas outras formas e manifestações da linguagem têm questionado o papel das narrativas no atual momento. Para Saavedra (2021, p. 18-19):

O fim do mundo é um cenário que se estende também a outras áreas, como política, artes, cultura e, obviamente, também à literatura. E então (...), como fica a literatura, este sonho acordado (*ensueño, Tagestraum*) da civilização se a própria civilização está sendo questionada? Seja pelas possibilidades tecnológicas que se abrem, seja pelo capitalismo que tudo permeia (na famosa pergunta de Mark Fisher: „É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?“). Como escrever em tempos tão urgentes e estranhos? (...) Como escrever num planeta em acelerada transformação? Escrevemos e já não é e, de novo, já não é, a cada frase. Em outras palavras, num mundo cada vez mais incerto, mais irreal, como abordar a realidade?

Alguns textos, sobretudo de colunistas, têm trazido um discurso que pode ser considerado catastrófico. Em 07 de junho de 2024, em „Um Dia do Meio Ambiente com gosto amargo“ (Girardi, 2024), um parágrafo trazia:

Ultrapassar pontualmente o marco de 1,5°C não significa que a meta já foi perdida, já que ela se refere a um novo patamar de temperatura em um planeta aquecido de modo mais constante, sustentado no longo prazo. De modo que os mais otimistas ainda dizem que dá tempo de evitar o pior. Não falta quem diga, porém, que já era.

Há outros exemplos de escolhas lexicais que envolvem termos como: já era, fim do mundo, fim dos tempos, apocalipse, desastre, catástrofe etc., ao tratar de temas ambientais e socioambientais. Esses termos podem se constituir como estudo futuro.

Interessante, particularmente, é perceber que a Agência Pública mantém vínculos discursivo-narrativos com os territórios e os povos que os defendem, seja na forma de movimentos organizados ou em iniciativas isoladas ou, ainda, em sua luta diária, silenciosa e frequentemente silenciada por meios hegemônicos. Em 18 de maio de 2024, publicou o texto „Porto Alegre não deve copiar o mau exemplo de New Orleans“ (Amaral, 2024b), em que evidencia como funciona e tem se fortalecido o capitalismo de catástrofe. No caso, em ambas cidades, foram os bairros pobres e menos brancos os mais atingidos e que continuarão em nível elevado de risco.

Além disso, a Pública tem identificado guerras narrativas, embora não use esse termo. É o caso de „Lobby do petróleo vai além do negacionismo e atua para barrar alternativas limpas“, em 12 de julho de 2024, em que divulga resultados de um relatório internacional que identifica um *manual de narrativas* com estratégias contra as energias renováveis. E igualmente no caso de „O agro quer fazer um ‚rebranding‘“, de 05 de julho, ao desmascarar as tentativas discursivas do agronegócio, em um grande evento musical na capital paulista, se tornar sustentável. E, em um terceiro exemplo, em „Perda de água, seca recorde, desmatamento: a receita do fogo no Pantanal“, de 28 de junho, em que são discutidas, além das condições de risco da maior planície alagável do mundo, a guerra entre as narrativas pró e contra o governo federal atual e o anterior no combate a tais condições. Há outras situações em que o meio identificou uma guerra narrativa, e se posicionou, como no momento em que o bilionário Elon Musk posava de herói no Metaverso das redes sociais frente à catástrofe no Sul do Brasil.⁶

Nessa perspectiva, ao trazer temas espinhosos e esmiuçá-los, o meio acaba naturalmente apresentando indícios de narrativas catastróficas, mas mais por força do ofício e da matéria-prima a ser tratada do que necessariamente por filiação discursivo-narrativa.

A segunda característica narrativa dos meios não hegemônicos apresenta-se na forma de esforço em desmascarar narrativas falaciosas e, sobretudo, apontar para caminhos já endossados por movimentos sociais e entidades de referência. Isso foi observado nos exemplos relativos à guerra narrativa *incêndios de SP foram coordenados x foram fruto apenas das condições atmosféricas*. A Agência Pública antecipou-se em publicar matéria com dados do Ipam, Inpe e Nasa, corroborando cientificamente a hipótese do presidente do Ibama, de que houve alguma intencionalidade nas ações – na reportagem do dia 27, „Queimadas em São Paulo: 81% dos focos de calor foram em áreas de plantação e pastagem“. E também nos exemplos das guerras narrativas identificadas pela Pública, colocados acima.

6 As matérias da Agência Pública que identificam guerras narrativas e aqui são citadas apenas de modo ilustrativo estão disponíveis em: <https://apublica.org/2024/07/lobby-do-petroleo-vai-alem-do-negacionismo-e-atua-para-barrar-alternativas-limpas/>; <https://apublica.org/2024/07/o-agro-quer-fazer-um-rebranding/>; <https://apublica.org/2024/06/perda-de-agua-seca-recorde-desmatamento-a-receita-do-fogo-no-pantanal/> e <https://apublica.org/2024/05/exclusivo-ex-ministro-fabio-faria-foi-diretor-de-empresa-que-levou-antenas-de-elon-musk-ao-rs/>

É em ambas as características, mas principalmente na segunda, que os meios não hegemônicos revelam seu valor-narrativa. Para Motta (2023, p. 229-230, *italico original*):

O valor-narrativa (...) é o valor maior que rege a apuração e a redação do texto jornalístico. Este valor funciona (...) como uma moldura cognitiva para enquadrar rápida e didaticamente a confusa e difusa realidade. O que rege a apuração e a redação do texto jornalístico é esse modelo dramático. Embora pouco estudado e citado na literatura da teoria do jornalismo, este é um valor superior aos demais valores-notícia. O desejo de qualquer repórter ou editor é, primeiro, compor uma boa narrativa, configurar uma história dramática forte, coerente, completa, verídica. Os demais valores (atualidade, novidade, notoriedade, impacto etc.) decorrem do valor-narrativa, um valor englobante mais forte e mais abrangente. A ausência deste valor na maior parte dos manuais de jornalismo decorre da negativa dos jornalistas em aceitar que eles contam histórias, insistindo ainda ingenuamente que eles apenas *reproduzem a realidade como um espelho*.

Nesse sentido também se revelam práticas de eco-comunicação com as quais os meios se identificam ou as quais divulgam e delas fazem uso para a construção de suas narrativas, como as citadas no caso da Agência Pública, em identificação com habitantes mais pobres e menos brancos de territórios em risco, e, no caso de Sumaúma, com populações que dependem diretamente dos rios e das matas de biomas ameaçados. Esses meios tanto destacam a situação de tais grupos humanos quanto os utilizam como fonte de informação e comunicação. A conexão das estratégias de comunicação com a causa socioambiental por parte de movimentos sociais, indígenas ou grupos de jovens, atingindo interlocutores antes inalcançáveis sobretudo pela ampla utilização de redes sociais, é uma das características da eco-comunicação (Fonseca, 2024). A eco-comunicação confere visibilidade a temas e lutas normalmente invisibilizadas ou criminalizadas pelos meios de comunicação hegemônicos e discursos dominantes; apresenta a defesa da diversidade como garantia de vida, seja biodiversidade ou diversidade humana, cultural, identitária; e a defesa do que é comum às atuais, às pregressas e às futuras gerações humanas e não-humanas, ou seja, defesa do território e das condições presentes e futuras de vida.

No espectro da eco-comunicação, encontram-se narrativas para resistir à barbárie, como as observadas sobre o MST e a articulação de movimentos indígenas, em meios como Sumaúma, Agência Pública e outros não considerados neste artigo. Os movimentos sociais, os coletivos populares, os jûris cidadãos, as organizações de base social são ou poderiam ser, segundo Stengers (2015, p. 129), produtoras de „narrativas de que temos desesperadamente necessidade“:

Narrativas que dão àqueles que as ouvem o gosto daquilo que as produziu. Sim, uma situação pode se tornar interessante, digna de fazer pensar, capaz de suscitar o gosto pelo pensamento, se ela foi produzida por um processo de aprendizado concreto, em que as dificuldades, as hesitações, as escolhas, os erros fazem parte da narrativa tanto quanto os êxitos e as conclusões.

Foram identificadas, aqui, narrativas como espaço de disputa. Diferente das batalhas pela memória, as narrativas ambientais disputam o futuro, o que se torna central em meio ao capitalismo predatório, ao capitalismo de tragédia e todas as formas de neocolonialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU FUTURAS

Através de ferramentas da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013) – etapas da construção discursiva da *verdade*, modalidades de identificação da audiência com o herói, e o valor-narrativa –, observou-se aqui a configuração de duas tendências discursivo-narrativas principais no jornalismo impresso brasileiro a respeito de matérias sobre meio ambiente, no período de abril a agosto de 2024.

A primeira refere-se à estabilização dos dois discursos dominantes: catastrofismo de um lado e banalização e/ou negacionismo de outro, tanto em meios hegemônicos como não hegemônicos, estes somente online. Há, no entanto, algumas diferenças entre os meios de comunicação no período considerado. Enquanto nos meios não hegemônicos, como Agência Pública e Sumaúma, a tendência foi de reprodução de termos que remetem a narrativas catastróficas – como fim do mundo, apocalipse, catástrofe –, em meios hegemônicos, como Folha de S. Paulo, Estadão, Valor e O Globo, os processos de banalização e certo negacionismo foram mais evidentes.

Esse negacionismo observado se dá em relação à responsabilização das catástrofes climáticas, colocando-as como *efeitos naturais* das mudanças climáticas – por sua vez, já dadas, estabelecidas, estabilizadas e provavelmente imutáveis, configurando-se em narrativas catastróficas do tipo conformadas, que reproduzem o discurso de que não há mais nada a se fazer para evitar o já iniciado colapso ambiental. Pouco ou nada se fala da reprodução de

modelos coloniais e neocoloniais de exploração da natureza como responsáveis por tal colapso – modelos de uso do solo baseados em mineração, latifúndios, monocultivos, utilização de aditivos químicos, uso irracional de recursos hídricos, contaminação de solo, ar e água, e commoditização da produção, ou seja, no caso de países como o Brasil, agronegócio de exportação; ou modelos de desenvolvimento baseados na exploração, no refino e na utilização massiva de petróleo e seus derivados, em permanente fossilização e carbonização da economia e dos territórios. E o fato de se falar pouco ou nada sobre modelos coloniais e neocoloniais de exploração nesses meios indica uma no mínimo indireta filiação discursivo-narrativa à própria matriz colonial – a mesma que causa devastação.

A base da observação dos meios hegemônicos foi a cobertura do chamado *novo dia do fogo*, sobretudo de 27 de agosto de 2024, quando duas narrativas entraram em guerra: a narrativa de que os incêndios no estado de São Paulo foram coordenados e portanto criminosos, e a narrativa de que foram as condições climáticas, e não ações articuladas, as causadoras de tais incêndios. Os meios hegemônicos aqui observados praticam, nessa cobertura, não o negacionismo climático, pois não escondem as mudanças climáticas, mas escondem as verdadeiras causas da crise planetária atrás das mudanças climáticas. Elas são colocadas como as responsáveis pelos problemas ambientais cada vez mais intensos e frequentes, sendo que elas, as mudanças climáticas, são em primeira instância um sintoma da doença que tem causado tais problemas. São o efeito, não a causa.

Apesar dessas principais tendências narrativas, observou-se a aqui chamada *narrativa dos futuros possíveis*, estas sim vinculadas a uma matriz discursiva decolonial. Configuradas como eco-comunicação, essas narrativas vinculam-se sobretudo a movimentos sociais, povos originários, sociedades de base comunitária e jovens. As narrativas são utilizadas, neste caso, como um instrumento de resistência à ideia de fim, conforme coloca Fonseca (2024), e encontram aderência nos meios não hegemônicos, que também são os que buscam identificar e nomear as causas da doença que tem como grande sintoma as mudanças climáticas. Dessa forma, a eco-comunicação apresenta-se como a capacidade de comunicar o incomunicável, o colapso climático e da biodiversidade, sem perder seu vínculo com o território e as lutas sociais. Não se observou essa mesma tendência nos meios hegemônicos aqui estudados. A Folha deu destaque em uma matéria aos efeitos do fogo em um assentamento dos sem-terra, mas essa consideração configura-se como exceção, não como regra. O domínio geral discursivo teve como base instâncias oficiais de gestão e grandes produtores agro-exportadores.

Não se trata de condenar meios de comunicação, de antemão. A cobertura jornalística ainda é – e poderia ser cada vez mais – um dos principais antídotos à falta de informação, ao negacionismo e ao catastrofismo. Mas, como exposto ao longo deste trabalho, os meios têm corrido o risco de atuarem em termos discursivos e narrativos no sentido daquilo que deveriam combater: a desinformação. A Análise Crítica da Narrativa mostrou-se como um conjunto de instrumentos capazes de atuar como termômetro da prática comunicativa hegemônica e contra-hegemônica, o que é necessário e urgente, haja vista o que tem se apresentado por outros termômetros, estes em Celsius ou Fahrenheit: anomalias climáticas em nível planetário causando efeitos imprevisíveis em cadeia.

Subvertendo a máxima, em qualquer guerra o melhor ataque é a defesa. E a comunicação segue sendo potencialmente o melhor dispositivo de defesa que as sociedades humanas dispõem para enfrentar – quiçá evitar – os efeitos da crise civilizacional e das mudanças climáticas, e construir narrativas em direção a um futuro possível.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara não ter filiação ou envolvimento com instituições que possam ter interesses financeiros ou não financeiros com o assunto discutido no artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Todos os dados desta pesquisa são públicos e podem ser acessados através dos links mencionados ao longo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Isabela. Extrema direita mente sobre RS para atacar governos e exaltar empresários. *UOL*. 18 Maio 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2024/05/18/o-que-esta-por-tras-fake-news-enchentes-rio-grande-do-sul.htm>

- ALVES, Januária Cristina. As guerras são construídas por meio de narrativas. *Nexo Jornal*. 03 mar. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/as-guerras-sao-construidas-por-meio-de-narrativas>
- AMARAL, Luciana. Queimadas: presidente do Ibama diz ainda não ter indício de ação criminosa coordenada. *CNN*, 26 Ago. 2024a. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/queimadas-presidente-ibama/>
- AMARAL, Marina. Porto Alegre não deve copiar mau exemplo de New Orleans. *Agência Pública*, 18 Maio 2024b. Disponível em: <https://apublica.org/2024/05/porto-alegre-nao-deve-copiar-o-mau-exemplo-de-new-orleans/>
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sergio P. Rouanet. 8a. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 1).
- CARVALHO, Eros. O pós-negacionismo climático. *Jornal da Universidade*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 21 maio 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-pos-negacionismo-climatico/>
- CHÃ, Ana Manuela. *Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- COOK, John. Deconstructing climate science denial. In: Holmes, David; Richardson, Lucy M. (Eds.). *Research Handbook in Communicating Climate Change*. Cheltenham: Edward Elgar, 2020. Disponível em: https://roar-assets-auto.rbl.ms/documents/28235/Cook_2020_deconstructing_denial.pdf
- DANOWSKI, Daniela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie / São Paulo: ISA, 2014.
- FIORI, José Luís. Os critérios, as narrativas e as „guerras hegemônicas“. *Outras Palavras*. Editoria Geopolítica & Guerra. 04 Set. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerrea/os-criterios-as-narrativas-e-as-guerras-hegemonicas/>
- FONSECA, Ana Silvia Andreu. Imagens poéticas do fim do mundo: arte, eco-comunicação e percepção ambiental. *Ambiente & Sociedade*, v. 27, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0038r1vu27L1AO>
- FONSECA, Ana S.; AMATO, Laura J. Visibilidades e invisibilidades discursivas: la pobreza como elección editorial. In: Chiquito, A.; Quiroz, G. (Eds.). *Pobreza, lenguaje y medios en América Latina*. 1a ed. Berna: Peter Lang AG, 2017. (Linguistic Insights: Studies in Language and Communication v. 225).
- GARRIDO, Bibiana. Mais de 80% dos focos de calor em SP ocorreram em áreas agropecuárias. *Ipam Amazônia*. 27 Ago. 2024. Disponível em: <https://ipam.org.br/focos-de-calor-sp/>
- GIRARDI, Giovana. Um Dia do Meio Ambiente com gosto amargo. *Agência Pública*, 07 Jun. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/06/um-dia-do-meio-ambiente-com-gosto-amargo/>
- KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Trad.: Thyago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- LOURENÇO, Ramon Fernandes. *A razão cínica e o capitalismo cínico na extrema direita da América Latina: a inserção das Conservative Political Action Conference (CPAC) no continente*. Paper para disciplina de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), 2024.
- MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. 3a. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2018.
- MOTTA, Luiz G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni P. Orlandi. 2a ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

- RAMIREZ, Rachel. What is “new denial”? An alarming wave of climate misinformation is spreading on YouTube, watchdog says. *CNN*. 17 Jan. 2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2024/01/16/climate/climate-denial-misinformation-youtube/index.html>
- RODRIGUES, Léo. Samarco, Vale, BHP e Renova são condenadas por „narrativa fantasiosa“. *Agência Brasil*. 07 Ago. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-08/samarco-vale-bhp-e-renova-sao-condenadas-por-narrativa-fantasia>
- ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. 2a. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- SILVA, Pollyanna; HASHIGUTI, Simone. Uma espada através do corpo de Dilma Rousseff: mídia, discurso e imagem. *Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*. Universidade Federal do Pará (UFPA), n. 40, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i40.3283>
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Trad.: Eloísa A. Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido: 1/9/2024
Aceito: 21/4/2025
Publicado: 22/4/2025